

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE II – CAPÍTULO I – A MINHA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO

Índice

Assunto	Origem	Página
I – A minha iniciação no Espiritismo	Obras Póstumas	05
A atualidade de Allan Kardec	O Consolador	08
II – Meu Espírito protetor	Obras Póstumas	10
Obras Póstumas (26)	O Consolador	11
III – Meu guia Espiritual	Obras Póstumas	12
Obras Póstumas (26)	O Consolador	14
IV – Primeira revelação da minha missão	Obras Póstumas	16
Obras Póstumas (26)	O Consolador	17
V – A minha missão	Obras Póstumas	18
Obras Póstumas (27)	O Consolador	19
VI – Acontecimentos	Obras Póstumas	20
Obras Póstumas (27)	O Consolador	24
VII – A tiara Espiritual	Obras Póstumas	25
Obras Póstumas (28)	O Consolador	27
VIII – Primeiro anúncio de uma nova encarnação	Obras Póstumas	29
Obras Póstumas (29)	O Consolador	30
IX – A revista Espírita	Obras Póstumas	31
Obras Póstumas (29)	O Consolador	32
X – Fundação da Sociedade Espírita de Paris	Obras Póstumas	33
Obras Póstumas (29)	O Consolador	35
XI – Futuro do Espiritismo	Obras Póstumas	36
Sobre o futuro do Espiritismo	O Consolador	37

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

XII – Auto-de-fé de Barcelona. Apreensão dos livros	Obras Póstumas	39
Auto-de-fé de Barcelona: das cinzas nasceu a luz	O Consolador	41
XIII – Meu sucessor	Obras Póstumas	42
Obras Póstumas (31)	O Consolador	43
XIV – Imitação do Evangelho	Obras Póstumas	44
Obras Póstumas (31)	O Consolador	46
Obras Póstumas (32)	O Consolador	47
XV – A igreja	Obras Póstumas	48
Obras Póstumas (32)	O Consolador	49
XVI – A vida de Jesus, por Renan	Obras Póstumas	50
Ernest Renan e a relevância do legado à luz do pensamento Espírita	O Consolador	51
XVII – Precursores da tempestade	Obras Póstumas	52
Obras Póstumas (32)	O Consolador	53
XVIII – A nova geração	Obras Póstumas	54
A Gênese	O Consolador	56
XIX – Instrução para a saúde do Sr. Allan Kardec	Obras Póstumas	57
Obras Póstumas (33)	O Consolador	59
XX – Regeneração da humanidade	Obras Póstumas	60
Obras Póstumas (33)	O Consolador	64
XXI – Marcha progressiva do Espiritismo Dissidência e perturbações	Obras Póstumas	66
Conceito de evolução e de estado de Natureza	O Consolador	67
XXII – Publicações Espíritas	Obras Póstumas	69
Obras Póstumas (34)	O Consolador	70

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

XXIII – Minha nova obra sobre A Gênese (comunicação espontânea)	Obras Póstumas	71
Obras Póstumas (34)	O Consolador	73
XXIV – Meus trabalhos pessoais (diversos conselhos)	Obras Póstumas	74
Obras Póstumas (34)	O Consolador	75

Parte II

Capítulo I – A minha iniciação no Espiritismo

I – A MINHA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO

Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. — “É, com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam.” Os relatos, que os jornais publicaram, de experiências feitas em Nantes, em Marselha e em algumas outras cidades, não permitiam dúvidas acerca da realidade do fenômeno.

Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. — Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.

Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas veem um fato que não compreendem. Há 50 anos, se a alguém dissessem, pura e simplesmente, que se podia transmitir um despacho telegráfico a 500 léguas e receber a resposta dentro de uma hora, esse alguém se riria e não teriam faltado excelentes razões científicas para provar que semelhante coisa era materialmente impossível. Hoje, quando já se conhece a lei da eletricidade, isso a ninguém espanta, nem sequer ao camponês. O mesmo se dá com todos os fenômenos espíritas. Para quem quer que não conheça a lei que os rege, eles parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por conseguinte, impossíveis e ridículos. Uma vez conhecida a lei, desaparece a maravilha, o fato deixa de ter o que repugne à razão, porque se prende à possibilidade de ele produzir-se.

Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a ideia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente.

No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as ideias novas. Ele era corso, de temperamento ardoroso e enérgico e eu sempre lhe apreciara as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, porém desconfiava da sua exaltação. Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas. Um dia, o senhor será dos nossos, concluiu. Não direi que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.

Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça-feira (1) de maio às oito horas da noite.

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios,

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

muito imperfeitos, de escrita mediúcnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo. Bem depressa, ocasião se me ofereceu de observar mais atentamente os fatos, como ainda o não fizera. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rochechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo.

Eram bastante numerosas essas reuniões; além dos frequentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada carrapeta e que se encontra descrita em O Livro dos Médiuns. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das ideias do médium. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, as perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha.

Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com o da reunião. Entretanto, era muito bom e se dissera protetor da família. Se com frequência fazia rir, também sabia, quando preciso, dar ponderados conselhos e manejar, se ensejo se apresentava, o epigrama, espirituoso e mordaz. Relacionamo-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um Espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, me auxiliou nos meus trabalhos. Depois, disse que tinha de reencarnar e dele não mais ouvi falar.

Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir. Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal.

(1) A data ficou em branco no manuscrito.

Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.

O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecessem o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles proseguei sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui.

Até ali, as sessões em casa do Sr. Baudin nenhum fim determinado tinham tido. Tentei lá obter a resolução dos problemas que me interessavam, do ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível. Levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica. A partir de então, as sessões assumiram caráter muito diverso. Entre os assistentes contavam-se pessoas sérias, que tomaram por elas vivo interesse e, se me acontecia faltar, ficavam sem saberem o que fazer. As perguntas fúteis haviam perdido, para a maioria, todo atrativo. Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base de O Livro dos Espíritos.

No ano seguinte, em 1856, frequentei ao mesmo tempo as reuniões espíritas que se celebravam à rua Tiquetone,

em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Eram sérias essas reuniões e se realizavam com ordem. As comunicações eram transmitidas por intermédio da Srta. Japhet, médium, com auxílio da cesta de bico.

Estava concluído, em grande parte, o meu trabalho e tinha as proporções de um livro. Eu, porém, fazia questão de submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns. Lembrei-me de fazer dele objeto de estudo nas reuniões do Sr. Roustan. Ao cabo de algumas sessões, disseram os Espíritos que preferiam revê-lo na intimidade e marcaram para tal efeito certos dias nos quais eu trabalharia em particular com a Srta. Japhet, a fim de fazê-lo com mais calma e também de evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público.

Não me contentei, entretanto, com essa verificação; os Espíritos assim mo haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857.

Pelos fins desse mesmo ano, as duas Srtas. Baudin se casaram; as reuniões cessaram e a família se dispersou. Mas, então, já as minhas relações começavam a dilatar-se e os Espíritos me multiplicaram os meios de instrução, tendo em vista meus ulteriores trabalhos.

11 de dezembro de 1855

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Sra. Baudin)

Crônicas e Artigos

137 – 13/12/2009

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

I – A minha iniciação no Espiritismo

A atualidade de Allan Kardec

Respeitamos as pesquisas e as descobertas da Ciência, mas a verdade é que quem lê e assimila o conteúdo das obras básicas da Codificação Espírita tem uma noção clara da maneira como surgiu o Universo.

Se ele surgiu de uma explosão, o Big Bang propalado pelos cientistas, então, deve ter sido uma explosão de amor, pois Deus é amor e não foi outro, senão Ele, o criador de tudo o que existe, abaixo e acima do Sol.

É aí que vemos a atualidade de O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno e A Gênese. A jovem Doutrina – O Espiritismo – que surgiu em 18 de abril de 1857, avançou a passos largos, mostrando, de modo claro, a origem do sofrimento; explicando o mistério da vida e da desencarnação; deixando claro o progresso de todos os Espíritos dentro do tempo e do espaço, sob a égide das leis eternas e imutáveis do Criador de todas as coisas; desvendando os segredos do macro e do microcosmo.

O missionário da Terceira Revelação, que veio à Terra em 3 de outubro de 1804 e desencarnou em 31 de março de 1869, viveu 65 anos para, em poucos anos, considerando-se o tempo no nosso planeta, codificar e consolidar uma Doutrina que oferece o mais lógico conjunto doutrinário, majestoso edifício de verdades irretorquíveis.

Nascido Hippolyte Léon Denizard Rivail e adotando o pseudônimo Allan Kardec, de uma reencarnação como sacerdote druida, O Bom Senso Encarnado, como bem o definiu Camille Flammarion, viveu pouco, mas viveu bem; morreu moço, para viver sempre.

A biografia de Allan Kardec, publicada na Revista Espírita, de maio de 1869 e transcrita no livro Obras Póstumas, indaga: “Quem, entre nós, sem ser taxado, de presunçoso, poderia possuir o espírito de método e organização com o qual se iluminam os trabalhos do mestre? Só aquela robusta inteligência poderia empregar tanto material, de natureza tão diversa, triturá-lo, transformá-lo, para esparzi-lo como saudável orvalho pelas almas sequiosas de conhecer e de amar”.

A biografia diz que ele foi um “trabalhador infatigável, sempre o primeiro a iniciar o trabalho e o último a deixá-lo”. E que “morreu como viveu: trabalhando”. E mais: “O homem deixou-nos, mas a sua alma será sempre conosco. É um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável, que foi aumentar as forças das falanges do espaço”.

Foi por Fortier, magnetizador conhecido de Kardec, que ele ouviu falar pela primeira vez, em 1854, das mesas girantes. Os jornais noticiavam experiências feitas em Nantes, Marselha e outras cidades sobre o fato de o fluido magnético, espécie de eletricidade, atuar sobre os corpos inertes e fazê-los mover.

O Sr. Fortier disse a Kardec que mais extraordinário do que fazer a mesa girar e andar é fazê-la falar; que, perguntando algo, ela responde. “Só acreditarei se vir ou se me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Até então, permita-me que considere isso uma história fabulosa”, respondeu Kardec.

O raciocínio lógico de um homem de bom senso: “Há 50 anos, se tivessem dito, pura e simplesmente, a alguém que era possível a transmissão de uma notícia a 500 léguas, e a recepção da resposta, dentro de uma hora, obter-se-ia uma gargalhada em troco, aliás, bem firmada em razões científicas, que provavam a impossibilidade material do fato. Hoje, que a lei da eletricidade é conhecida, ninguém o contesta, nem mesmo um campônio. O mesmo acontece aos fenômenos espíritas” (Obras Póstumas – A minha iniciação ao Espiritismo).

Realmente, como esclarecem os Espíritos, na resposta à questão 798, de O Livro dos Espíritos, o Espiritismo “se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque pertence à Natureza e chegou o tempo em que deve tomar lugar nos conhecimentos humanos. Haverá, entretanto, grandes lutas a sustentar, mais contra os interesses do que contra a convicção, porque não se pode dissimular que há pessoas interessadas em combatê-lo, umas por

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

amor-próprio e outras por motivos puramente materiais. Mas os seus contraditores, ficando cada vez mais isolados, serão finalmente forçados a pensar como todos os outros, sob pena de se tornarem ridículos”.

Allan Kardec faz a seguinte observação a respeito do assunto: “As ideias só se transformam com o tempo e não subitamente; elas se enfraquecem de geração em geração e acabam por desaparecer com os que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como se verifica com as ideias políticas. Vede o paganismo; não há ninguém, certamente, que professe hoje as ideias religiosas daquele tempo; não obstante, muitos séculos depois do advento do Cristianismo ainda havia deixado traços que somente a completa renovação das raças pôde apagar. O mesmo acontecerá com o Espiritismo; ele faz muito progresso, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo fará desaparecer. Contudo, sua marcha será mais rápida que a do Cristianismo, porque é o próprio Cristianismo que lhe abre as vias sobre as quais ele se desenvolverá. O Cristianismo tinha que destruir; O Espiritismo só tem que construir.”

II – MEU ESPÍRITO PROTETOR

Pergunta (Ao Espírito Z.) — No mundo dos Espíritos algum haverá que seja para mim um bom gênio?

Resposta — Sim.

P. — Será o Espírito de algum parente, ou de algum amigo?

R.— Nem uma coisa, nem outra.

P. — Quem foi ele na Terra?

R.— Um homem justo de muita sabedoria.

P. — Que devo fazer, para lhe granjear a benevolência?

R.— Todo o bem possível.

P. — Por que sinais poderei reconhecer a sua intervenção?

R.— Pela satisfação que experimentarás.

P. — Terei algum meio de o invocar e qual esse meio?

R.— Ter fé viva e chamá-lo com instância.

P. — Reconhecê-lo-ei, depois da minha morte, no mundo dos Espíritos?

R.— Sobre isso não pode haver dúvida; será ele quem virá receber-te e felicitar-te, se houveres desempenhado bem a tua tarefa.

NOTA — Vê-se, por estas perguntas, que eu era ainda muito noviço acerca das coisas do mundo espiritual.

P. — O Espírito de minha mãe me vem visitar algumas vezes?

R.— Vem e te protege quanto lhe é possível.

P. — Vejo-a frequentemente em sonho. Será uma lembrança e um efeito da minha imaginação?

R.— Não; é mesmo ela que te aparece; debes compreendê-lo pela emoção que sentes.

NOTA — Isto é perfeitamente exato. Quando minha mãe me aparecia em sonho, eu experimentava uma emoção indescritível, o que o médium não podia saber.

P. — Quando, faz algum tempo, evocamos S. e lhe perguntamos se poderia ser o gênio protetor de um de nós, ele respondeu: “Mostre-se um de vós digno disso, e estarei com esse; Z. vo-lo dirá.” Julgas que eu poderei merecer esse favor?

R.— Se o quiseres.

P. — Que me é necessário para isso?

R.— Fazer todo o bem que possas e suportar com coragem as penas da vida.

P. — Pela natureza da minha inteligência, terei aptidão para penetrar, tanto quanto ao homem for permitido fazê-lo, as grandes verdades acerca do nosso destino futuro?

R.— Sim, tens a aptidão necessária, mas o resultado dependerá da tua perseverança no trabalho.

P. — Poderei concorrer para a propagação dessas verdades?

R.— Sem dúvida.

P. — Por que meios?

R.— Sabê-lo as mais tarde; enquanto esperas, trabalha.

25 de março de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

162. Quem era o Espírito protetor de Kardec?

Segundo lhe disse Zéfiro, em um diálogo ocorrido em 11 de dezembro de 1855, na casa do Sr. Baudin, por intermédio de suas filhas, o Espírito protetor do futuro Codificador foi um homem justo e sábio.

Para granjear sua simpatia, seria necessário que Kardec praticasse o bem, o mais que lhe fosse possível.

Pela satisfação que sentiria seria possível a ele, Kardec, reconhecer a intervenção do protetor espiritual.

O meio de evocá-lo era ter uma fé viva e pedir com empenho sua presença. Kardec perguntou a Zéfiro se depois de sua desencarnação ele reconheceria esse amigo espiritual. Zéfiro respondeu-lhe: “Isso não é duvidoso; será ele que virá te felicitar, se cumprires bem a tua tarefa”.

Na sequência desse diálogo, Zéfiro disse que o Espírito daquela que fora mãe de Kardec vinha visitá-lo e o protegia tanto quanto isso era possível.

Kardec disse-lhe que frequentemente a via em sonho e Zéfiro confirmou que ela realmente lhe aparecia.

Finalizando o diálogo, Zéfiro disse ao professor que ele tinha a aptidão necessária para a tarefa que havia começado, mas advertiu que o resultado dependeria de sua perseverança no trabalho. (Obras Póstumas – Segunda Parte – O Espírito de Verdade.)

164. O erro mencionado por Kardec voltou a ser discutido com seu protetor espiritual?

Sim. No dia 9 de abril de 1856, duas semanas depois do primeiro encontro, na casa do Sr. Baudin, Kardec voltou ao assunto, conforme mostra o seguinte diálogo:

– Criticastes o trabalho que fiz outro dia, e tivestes razão. Eu o reli, e reconheci, na 30ª linha, um erro contra o qual as vossas pancadas eram um protesto. Isso me conduziu a reconhecer outros erros e a refazer o trabalho. Estais mais satisfeito agora?

Resposta: Acho-o melhor, mas te convido a esperar um mês antes de publicá-lo.

– Certamente, não tenho a intenção de publicá-lo ainda, nem sei se deverei fazê-lo.

Resposta: Entendo, mas não deves mostrá-lo a estranhos.

Encontra um pretexto para recusá-lo àqueles que o pedirão; daqui até lá, melhorarás esse trabalho.

Faço-te esta recomendação para evitar a crítica; é do teu amor-próprio que eu cuido.

– Dissestes que seríeis para mim um guia, que me ajudaria e me protegeria; concebo essa proteção e o seu objetivo numa certa ordem de coisas, mas gostaríeis de me dizer se essa proteção se estende também às coisas materiais da vida?

Resposta: Neste mundo, a vida material importa muito; não te ajudar a viver seria não te amar.

Diz Kardec, em nota aposta em seguida a este diálogo, que a proteção desse Espírito, do qual estava longe de supor a superioridade, jamais lhe faltou.

Sua solicitude, e a dos bons Espíritos sob as suas ordens, se estendiam sobre todas as circunstâncias de sua vida, seja para lhe aplinar as dificuldades materiais, seja para lhe facilitar o cumprimento de seus trabalhos, seja, enfim, para o preservar dos efeitos da malevolência de seus antagonistas.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O Espírito de Verdade.)

III – MEU GUIA ESPIRITUAL

Morava eu, por essa época, na rua dos Mártires, nos 8, no segundo andar, ao fundo. Uma noite, estando no meu gabinete a trabalhar, pequenas pancadas se fizeram ouvir na parede que me separava do aposento vizinho. A princípio, nenhuma atenção lhes dei; como, porém, elas se repetissem mais fortes, mudando de lugar, procedi a uma exploração minuciosa dos dois lados da parede, escutei para verificar se provinham do outro pavimento e nada descobri. O que havia de singular era que, de cada vez que eu me punha a investigar, o ruído cessava, para recomeçar logo que eu retomava o trabalho. Minha mulher entrou da rua por volta das dez horas; veio ao meu gabinete e, ouvindo as pancadas, me perguntou o que era. Não sei, respondi-lhe, há uma hora que isto dura. Investigamos juntos, sem melhor êxito. O ruído continuou até a meia-noite, quando fui deitar-me.

No dia seguinte, como houvesse sessão em casa do Sr. Baudin, narrei o fato e pedi que mo explicassem.

Pergunta — Ouvistes, sem dúvida, o relato que acabo de fazer; poderíeis dizer-me qual a causa daquelas pancadas que se fizeram ouvir com tanta persistência?

Resposta — Era o teu Espírito familiar.

P. — Com que fim foi ele bater daquele modo?

R. — Queria comunicar-se contigo.

P. — Poderíeis dizer-me quem é ele?

R. — Podes perguntar-lhe a ele mesmo, pois que está aqui.

NOTA — Nessa época, ainda se não fazia distinção nenhuma entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos. Dava-se lhes a todos a denominação de Espíritos familiares.

P. — Meu Espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te o me teres vindo visitar. Consentirás em dizer-me quem és?

R. — Para ti, chamar-me-ei A Verdade e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.

P. — Ontem, quando bateste, estando eu a trabalhar, tinhas alguma coisa de particular a dizer-me?

R. — O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas; desagradava-me o que escrevias e quis fazer que o abandonasses.

NOTA — O que eu estava escrevendo dizia respeito, precisamente, aos estudos que empreendera acerca dos Espíritos e de suas manifestações.

P. — A tua desaprovação era referente ao capítulo que eu escrevia ou ao conjunto do trabalho?

R. — Ao capítulo de ontem; submeto-o ao teu juízo; se o releres, reconhecerás tuas faltas e as corrigirás.

P. — Eu mesmo não me sentia satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?

R. — Está melhor, mas ainda não satisfaz. Relê da 3^a a 30^a linha e com um grave erro depararás.

P. — Rasguei o que escrevera ontem.

R. — Não importa! Isso não impediu que a falta continuasse. Relê e verás.

P. — O nome Verdade, que adotaste, constitui uma alusão à verdade que eu procuro?

R. — Talvez; pelo menos, é um guia que te protegerá e ajudará.

P. — Poderei evocar-te em minha casa?

R. — Sim, para te assistir pelo pensamento; mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las.

NOTA — Com efeito, durante cerca de um ano, nenhuma comunicação escrita obtive em minha casa e sempre que ali se encontrava um médium, com quem eu esperava conseguir qualquer coisa, uma circunstância imprevista a isso se opunha. Somente fora de minha casa lograva eu receber comunicações.

P. — Poderias vir mais amiúde e não apenas de mês em mês?

R. — Sim, mas não prometo senão uma vez mensalmente, até nova ordem.

P. — Terás animado na Terra alguma personagem conhecida?

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

R. — Já te disse que, para ti, sou a Verdade; isto, para ti, quer dizer discrição; nada mais saberás a respeito.

NOTA — À noite, de regresso a casa, dei-me pressa em reler o que escrevera. Quer no papel que eu lançara à cesta, quer em nova cópia que fizera, se me deparou, na 30ª linha, um erro grave, que me espantei de haver cometido. Desde então, nenhuma outra manifestação do mesmo gênero das anteriores se produziu. Tendo-se tornado desnecessárias, por se acharem estabelecidas as minhas relações com o meu Espírito protetor, elas cessaram. O intervalo de um mês, que ele assinara para suas comunicações, só raramente foi mantido, no princípio. Mais tarde, deixou de o ser, em absoluto. Fora sem dúvida um aviso de que eu tinha de trabalhar por mim mesmo e para não estar constantemente a recorrer ao seu auxílio diante da menor dificuldade.

9 de abril de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

Pergunta (à Verdade) — Criticaste outro dia o trabalho que eu havia feito e tiveste razão. Reli-o e encontrei na 30ª linha um erro contra o qual protestaste por meio das pancadas que me fizeste ouvir. Isso me levou a descobrir outros defeitos e a refazer o trabalho. Estás agora satisfeito?

Resposta — Acho-o melhor, mas aconselho-te que esperes um mês para divulgá-lo.

P. — Que queres dizer, falando em divulgá-lo? Não tenho, bem sabes, a intenção de publicá-lo já, se é que o haja de publicar.

R. — Quero dizer: mostrá-lo a terceiros. Busca um pretexto para recusar isso aos que te pedirem para vê-lo. Daqui até lá melhorarás o trabalho. Faço-te esta recomendação para te poupar à crítica; precató o teu amor-próprio.

P. — Disseste que serás para mim um guia, que me ajudará e protegerá. Compreendo essa proteção e o seu objetivo, dentro de certa ordem de coisas; mas, poderias dizer-me se essa proteção também alcança as coisas materiais da vida?

R. — Nesse mundo, a vida material é muito de ter-se em conta; não te ajudar a viver seria não te amar.

NOTA — A proteção desse Espírito, cuja superioridade eu então estava longe de imaginar, jamais, de fato, me faltou. A sua solicitude e a dos bons Espíritos que agiam sob suas ordens, se manifestou em todas as circunstâncias da minha vida, quer a me remover dificuldades materiais, quer a me facilitar a execução dos meus trabalhos, quer, enfim, a me preservar dos efeitos da malignidade dos meus antagonistas, que foram sempre reduzidos à impotência. Se as tribulações inerentes à missão que me cumpria desempenhar não me puderam ser evitadas, foram sempre suavizadas e largamente compensadas por muitas satisfações morais gratíssimas.

30 de abril de 1856

(Em casa do Sr. Roustan; médium: Srta. Japhet)

163. Quando ocorreu o encontro direto de Kardec e seu guia espiritual?

Foi em 1856, conforme registrado em sessão realizada no dia 25 de março desse ano na casa do Sr. Baudin. Kardec morava, nessa época, na Rua dos Mártirs, nº 8, no segundo andar, no fundo do corredor.

Uma noite, estando em seu gabinete de trabalho, pequenos golpes reiterados se fizeram ouvir contra a divisória que o separava do quarto vizinho. De início, ele não lhe prestou nenhuma atenção; mas, como esses golpes persistissem com mais força, mudando de lugar, fez uma exploração minuciosa dos dois lados da divisória, e não descobriu nada.

O que havia de particular é que cada vez que ele fazia as buscas o ruído cessava, para recomeçar logo que voltava ao trabalho.

Sua esposa entrou pelas dez horas no seu gabinete e ouviu também aqueles golpes, e, junto de Kardec, procurou também investigar a causa, sem nenhum sucesso, enquanto o ruído persistiu até a meia-noite, quando o professor resolveu deitar-se.

No dia seguinte, na casa do Sr. Baudin, Kardec relatou o fato e pediu sua explicação. Eis o diálogo que então se realizou, sendo médiuns as jovens Baudin:

– Sem dúvida, ouvistes o fato que acabo de citar; poderíeis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta persistência?

Resposta: Era teu Espírito familiar.

– Com que objetivo vinha bater assim?

Resposta: Queria se comunicar contigo.

– Poderíeis dizer-me o que é que ele queria de mim?

Resposta: Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.

– Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, vos agradeço por ter vindo me visitar; quereríeis me dizer quem sois?

Resposta: Para ti, me chamarei Verdade, e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.

– Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa em particular para me dizer?

Resposta: O que tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias; o que escrevias me desagradava, e queria te fazer cessar.

– A vossa desaprovação era sobre o capítulo que escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho?

Resposta: Sobre o capítulo de ontem; eu te fiz julgá-lo; torna a lê-lo esta noite, encontrarás as faltas e as corrigirás.

– Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje; está melhor?

Resposta: Está melhor, mas não bastante bem. Lê da 3ª à 30ª linha e reconhecerás um grave erro.

– Rasguei o que fiz ontem.

Resposta: Não importa! Essa dilaceração não impede a falta de subsistir; relê e verás.

– O nome Verdade, que tomastes, é uma alusão à verdade que procuro?

Resposta: Talvez; ou, pelo menos, é um guia que te protegerá e te ajudará.

– Depois posso vos evocar em minha casa?

Resposta: Sim, para te assistir pelo pensamento; mas, para respostas escritas em tua casa, não será senão em muito tempo que poderás obtê-las.

– Poderíeis vir com mais frequência do que todos os meses?

Resposta: Sim, mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.

– Animastes algum personagem conhecido sobre a Terra?

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

Resposta: Eu te disse que, para ti, era Verdade; esse para ti queria dizer discrição: disso não saberás mais.

À noite, após esse diálogo, reentrando em sua casa, Kardec apressou-se em ler o que escrevera, e, seja na cópia lançada ao cesto, seja na nova, na 30ª linha, reconheceu um erro grave que se admirava de haver cometido.

Desde esse momento, nenhuma manifestação do mesmo gênero ocorreu; as relações com seu Espírito protetor se achavam estabelecidas; essas manifestações não eram mais necessárias, por isso elas cessaram.

O prazo de um mês que ele assinalara, para as suas comunicações, não foi senão raramente observado no princípio; mais tarde, não o foi de todo.

Fora, sem dúvida, uma advertência para Kardec acostumar-se a trabalhar por si mesmo, e de não procurar, sem cessar, recorrer ao protetor espiritual ante a menor dificuldade.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O Espírito de Verdade.)

IV – PRIMEIRA REVELAÇÃO DA MINHA MISSÃO

Eu assistia, desde algum tempo, às sessões que se realizavam em casa do Sr. Roustan e começara aí a revisão do meu trabalho, que posteriormente formaria O Livro dos Espíritos. (Veja-se a Introdução.) Numa dessas sessões, muito íntima, a que, apenas assistiam sete ou oito pessoas, falavam estas de diferentes coisas relativas aos acontecimentos capazes de acarretar uma transformação social, quando o médium, tomando da cesta, espontaneamente escreveu isto: “Quando o bordão soar, abandoná-lo eis; apenas aliviareis o vosso semelhante; individualmente o magnetizareis, a fim de curá-lo. Depois, cada um no posto que lhe foi preparado, porque de tudo se fará mister, pois que tudo será destruído, ao menos temporariamente. Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador. Seus primeiros alicerces já foram colocados. Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí. (Livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo.) A ti, M. a espada que não fere, porém mata; contra tudo o que é, serás tu o primeiro a vir. Ele, Rivail, virá em segundo lugar: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido.”

NOTA — Foi essa a primeira revelação positiva da minha missão e confesso que, quando vi a cesta voltar-se bruscamente para o meu lado e designar-me nominativamente, não me pude ferrar a certa emoção.

O Sr. M. que assistia àquela reunião, era um moço de opiniões radicalíssimas, envolvido nos negócios políticos e obrigado a não se colocar muito em evidência. Acreditando que se tratava de uma próxima subversão, aprestou-se a tomar parte nela e a combinar planos de reforma. Era, aliás, homem brando e inofensivo.

7 de maio de 1856

(Em casa do Sr. Roustan; médium: Srta. Japhet)

165. Quando e onde Kardec recebeu a primeira notícia sobre sua missão?

Foi no dia 30 de abril de 1856, na casa do Sr. Roustan, sendo médium a Srta. Japhet.

O professor Rivail seguia, havia algum tempo, as sessões que tinham lugar na casa do Sr. Roustan, e ali começara a verificação de seu trabalho que deveria, mais tarde, formar O Livro dos Espíritos.

Numa sessão íntima, à qual não assistiam senão sete ou oito pessoas, conversava-se sobre diferentes coisas, relativas aos acontecimentos que poderiam provocar uma transformação social, quando a médium, agarrando a cesta, escreveu espontaneamente o que se segue:

“Quando o grande sino soar, vós o deixareis; somente aliviareis o vosso semelhante; individualmente, o magnetizareis, a fim de curá-lo.

Depois, cada um preparado no seu posto, porque será necessário de tudo, uma vez que tudo será destruído, sobretudo por um instante.

Não haverá mais religião, e dela será necessária uma, mais verdadeira, grande, bela e digna do Criador.

Os seus primeiros fundamentos já estão colocados.

Tu, Rivail, a tua missão aí está. (Livre, a cesta retornou para o seu lado, como o faria uma pessoa que o quisesse designar com o dedo.)

A ti, Sr. a espada que não fere, mas que mata; contra tudo o que é, serás tu que virás primeiro.

Ele, Rivail, virá em segundo: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido.”

(Obras Póstumas – Segunda Parte – A primeira revelação da missão de Kardec.)

V – A MINHA MISSÃO

Pergunta (a Hahnemann) — Outro dia, disseram-me os Espíritos que eu tinha uma importante missão a cumprir e me indicaram o seu objeto. Desejaria saber se confirmas isso.

Resposta — Sim e, se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia.

P. — Para desempenhar essa missão tal como a concebo, são-me necessários meios de execução que ainda não se acham ao meu alcance.

R. — Deixa que a Providência faça a sua obra e serás satisfeito.

169. Quando o próprio Espírito de Verdade falou a Kardec sobre a missão que ele deveria cumprir?

Foi em 12 de junho de 1856, na casa do Sr. C. sendo médium a Srta. Aline C. O diálogo que ali ocorreu é de enorme importância para os estudiosos do Espiritismo:

– (A Verdade) Bom Espírito, desejaria saber o que pensais da missão que me foi assinalada por alguns Espíritos; quereis dizer-me, eu vos peço, se é uma prova para o meu amor-próprio. Sem dúvida, vós o sabeis, tenho o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário como chefe, a distância é grande, e eu não compreenderia o que poderia justificar, em mim, um tal favor, de preferência a tantos outros que possuem talentos e qualidades que não tenho.

Resposta: Confirmando o que te foi dito, mas convido-te a muita discricção, se quiseres vencer. Saberás, mais tarde, coisas que te explicarão o que te surpreende hoje. Não olvides que podes vencer, como podes falir; neste último caso, um outro te substituiria, porque os desígnios do Senhor não repousam sobre a cabeça de um homem. Não fales, pois, jamais da tua missão: esse seria o meio de fazê-la fracassar. Ela não pode ser justificada senão pela obra realizada, e ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens te reconhecerão, cedo ou tarde, eles mesmos, porque é pelos frutos que se reconhece a qualidade da árvore.

– Certamente, não tenho nenhuma vontade de me gabar de uma missão na qual creio apenas eu mesmo. Se estou destinado a servir de instrumento para os objetivos da Providência, que ela disponha de mim; mas, nesse caso, reclamo a vossa assistência e a dos bons Espíritos para me ajudarem e me sustentarem na tarefa.

Resposta: A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se de tua parte não fizeres o que é necessário. Tens o teu livre-arbítrio; cabe a ti usá-lo como entendes; nenhum homem está constringido a fazer fatalmente uma coisa.

– Quais são as causas que poderiam me fazer fracassar? Seria a insuficiência de minhas capacidades?

Resposta: Não; mas a missão dos reformadores está cheia de escolhos e de perigos; a tua é rude, disso te previno, porque é o mundo inteiro que se trata de agitar e de transformar. Não creias que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, e permaneceres tranquilamente em tua casa; não, ser-te-á preciso expor-te ao perigo; levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos obstinados conjurarão a tua perda; estarás em luta contra a malevolência, a calúnia, a traição mesmo daqueles que te parecerão os mais devotados; tuas melhores instruções serão desconhecidas e desnaturadas; mais de uma vez, sucumbirás sob o peso da fadiga; em uma palavra, será uma luta quase constante que terás que sustentar, com o sacrifício de teu repouso, de tua tranquilidade, de tua saúde, e mesmo de tua vida, porque sem isso viverias por muito mais tempo. Pois bem! Mais de um recua quando, em lugar de um caminho florido, não encontra sob os seus passos senão espinheiros, pedras agudas e serpentes. Para tal missão, a inteligência não basta. É necessário primeiro, para agradar a Deus, a humildade, a modéstia, o desinteresse, porque ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens é necessário coragem, perseverança, e uma firmeza inabalável; é preciso também prudência e tato, para conduzir as coisas a propósito, e não comprometer-lhe o sucesso por medidas, ou por palavras, intempestivas; é preciso, enfim, devotamento, abnegação, e estar pronto para todos os sacrifícios. Vês que a tua missão está subordinada a coisas que dependem de ti.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Acontecimentos futuros.)

VI – ACONTECIMENTOS

Pergunta — A comunicação há dias dada faz presumir, ao que parece, acontecimentos muito graves. Poderás dar-nos algumas explicações a respeito?

Resposta — Não podemos precisar os fatos. O que podemos dizer é que haverá muitas ruínas e desolações, pois são chegados os tempos preditos de uma renovação da Humanidade.

P. — Quem causará essas ruínas? Será um cataclismo?

R. — Nenhum cataclismo de ordem material haverá, como o entendeis, mas flagelos de toda espécie assolarão as nações; a guerra dizimará os povos; as instituições vetustas se abismarão em ondas de sangue. Faz-se mister que o velho mundo se esboroe, para que uma nova era se abra ao progresso.

P. — A guerra não se circunscreverá então a uma região?

R. — Não, abrangerá a Terra.

P. — Nada, entretanto, neste momento, parece pressagiar uma tempestade próxima.

R. — As coisas estão por fio de teia de aranha, meio partido.

P. — Poder-se-á, sem indiscrição, perguntar donde partirá a primeira centelha?

R. — Da Itália.

12 de maio de 1856

(Sessão pessoal em casa do Sr. Baudin)

ACONTECIMENTOS

Pergunta (à Verdade) — Que pensas de M.? É homem que venha a influir nos acontecimentos?

Resposta — Muito ruído. Ele tem boas idéias; é homem de ação, mas não é uma cabeça.

P. — Dever-se-á tomar ao pé da letra o que foi dito, isto é, que lhe cabe o papel de destruir o que existe?

R. — Não; pretendeu-se apenas personificar nele o partido cujas idéias ele representa.

P. — Posso manter com ele relações de amizade?

R. — Por enquanto, não; correrias perigos inúteis.

P. — Dispondo de um médium, diz M. que lhe determinaram a marcha dos acontecimentos, para, por assim dizer, uma data fixa. Será verdade?

R. — Sim, determinaram-lhe épocas, mas foram Espíritos levianos que lhe responderam, Espíritos que não sabem mais do que ele e que lhe exploram a exaltação. Sabes que não devemos precisar as coisas futuras. Os acontecimentos pressentidos certamente se darão em tempo próximo, mas que não pode ser determinado.

P. — Disseram os Espíritos que os tempos são chegados em que tais coisas têm de acontecer: em que sentido se devem tomar essas palavras?

R. — Em se tratando de coisas de tanta gravidade, que são alguns anos a mais ou a menos? Elas nunca ocorrem bruscamente, como o chispar de um raio; são longamente preparadas por acontecimentos parciais que lhes servem como que de precursores, quais os rumores surdos que precedem a erupção de um vulcão. Pode-se, pois, dizer que os tempos são chegados, sem que isso signifique que as coisas sucederão amanhã. Significa unicamente que vos achais no período em que se verificarão.

P. — Confirmas o que foi dito, isto é, que não haverá cataclismos?

R. — Sem dúvida, não tendes que temer nem um dilúvio, nem o abrasamento do vosso planeta, nem outros fatos desse gênero, porquanto não se pode denominar cataclismos a perturbações locais que se têm produzido em todas as épocas. Apenas haverá um cataclismo de natureza moral, de que os homens serão os instrumentos.

10 de junho de 1856

(Em casa do Sr. Roustan; médium: Srta. Japhet)

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

Pergunta (a Hahnemann) — Pois que dentro em breve teremos acabado a primeira parte do livro, lembrei-me de que, para andarmos mais depressa, eu poderia pedir a B... que me ajudasse, como médium; que achas?

Resposta — Acho que será melhor não te servires dele. — Por quê? — Porque a verdade não pode ser interpretada pela mentira.

P. — Mesmo que o Espírito familiar de B. seja afeito à mentira, isso não obstará a que um bom Espírito se comunicasse pelo médium, desde que se não evocasse outro Espírito.

R. — Sim, mas aqui o médium secunda o Espírito e, quando o Espírito é velhaco, ele se presta a auxiliá-lo. Aristo, seu intérprete e B. acabarão mal.

NOTA — B. bem moço, era um médium escrevente muito maleável, mas assistido por um Espírito muito orgulhoso e arrogante, que dava o nome de Aristo e que lhe lisonjeava o amor-próprio. As previsões de Hahnemann se realizaram. O moço, julgando ter na sua faculdade um meio de enriquecer, já atendendo a consultas médicas, já realizando inventos e descobertas produtivas, somente colheu decepções e mistificações. Passado algum tempo, ninguém mais ouviu falar dele.
12 de junho de 1856

(Em casa do Sr. C.; médium: Srta. Aline C.)

MINHA MISSÃO

Pergunta (à Verdade) — Bom Espírito, eu desejara saber o que pensas da missão que alguns Espíritos me assinaram. Dize-me, peço-te, se é uma prova para o meu amor-próprio. Tenho, como sabes, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe, a distância é grande e não percebo o que possa justificar em mim graça tal, de preferência a tantos outros que possuem talento e qualidades de que não disponho.

Resposta — Confirmo o que te foi dito, mas recomendo-te muita discrição, se quiseres sair-te bem. Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que ora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem. Nunca, pois, fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore.

P. — Nenhum desejo tenho certamente de me vangloriar de uma missão na qual dificilmente creio. Se estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim. Nesse caso, reclamo a tua assistência e a dos bons Espíritos, no sentido de me ajudarem e amparem na minha tarefa.

R. — A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se, de teu lado, não fizeres o que for necessário. Tens o teu livre-arbítrio, do qual podes usar como o entenderes. Nenhum homem é constrangido a fazer coisa alguma.

P. — Que causas poderiam determinar o meu malogro? Seria a insuficiência das minhas capacidades?

R. — Não; mas, a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranquilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só veem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios.

Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.

Espírito Verdade

Eu — Espírito Verdade, agradeço os teus sábios conselhos. Aceito tudo, sem restrição e sem ideia preconcebida.

Senhor! Pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre à minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios.

NOTA — Escrevo esta nota a 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que me foi dada a comunicação acima e atesto que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que me foram preditas. Andei em luta com o ódio de inimigos encarniçados, com a injúria, a calúnia, a inveja e o ciúme; libelos infames se publicaram contra mim; as minhas melhores instruções foram falseadas; traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava, pagaram-me com a ingratidão aqueles a quem prestei serviços. A Sociedade de Paris se constituiu foco de contínuas intrigas urdidas contra mim por aqueles mesmos que se declaravam a meu favor e que, de boa fisionomia na minha presença, pelas costas me golpeavam. Disseram que os que se me conservavam fiéis estavam à minha soldada e que eu lhes pagava com o dinheiro que ganhava do Espiritismo. Nunca mais me foi dado saber o que é o repouso; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, tive abalada a saúde e comprometida a existência.

Graças, porém, à proteção e assistência dos bons Espíritos que incessantemente me deram manifestas provas de solicitude, tenho a ventura de reconhecer que nunca senti o menor desfalecimento ou desânimo e que prossegui, sempre com o mesmo ardor, no desempenho da minha tarefa, sem me preocupar com a maldade de que era objeto. Segundo a comunicação do Espírito de Verdade, eu tinha de contar com tudo isso e tudo se verificou.

Mas, também, a par dessas vicissitudes, que de satisfações experimentei, vendo a obra crescer de maneira tão prodigiosa! Com que compensações deliciosas foram pagas as minhas tribulações! Que de bênçãos e de provas de real simpatia recebi da parte de muitos aflitos a quem a Doutrina consolou! Este resultado não mo anunciou o Espírito de Verdade que, sem dúvida intencionalmente, apenas me mostrara as dificuldades do caminho. Qual não seria, pois, a minha ingratidão, se me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, refiro-me às satisfações morais, sobrelevaram de muito o mal. Quando me sobrevinha uma decepção, uma contrariedade qualquer, eu me elevava pelo pensamento acima da Humanidade e me colocava antecipadamente na região dos Espíritos e desse ponto culminante, donde divisava o da minha chegada, as misérias da vida deslizavam por sobre mim sem me atingirem. Tão habitual se me tornara esse modo de proceder, que os gritos dos maus jamais me perturbaram.

17 de junho de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta (à Verdade) — Uma parte da obra foi revista, quererás ter a bondade de dizer o que dela pensas?

Resposta — O que foi revisto está bem; mas, quando a obra estiver acabada, deverás tornar a revê-la, a fim de ampliá-la em certos pontos e abreviá-la noutros.

P. — Entendes que deva ser publicada antes que os acontecimentos preditos se tenham realizado?

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

R. — Uma parte, sim; tudo não, pois, afirmo-te, vamos ter capítulos muito espinhosos. Por muito importante que seja esse primeiro trabalho, ele não é, de certo modo, mais do que uma introdução. Assumirá proporções que longe estás agora de suspeitar. Tu mesmo compreenderás que certas partes só muito mais tarde e gradualmente poderão ser dadas a lume, à medida que as novas idéias se desenvolverem e enraizarem. Dar tudo de uma vez fora imprudente. Importa dar tempo a que a opinião se forme. Toparás com alguns impacientes que procurarão empurrar-te para diante: não lhes dês ouvidos. Vê, observa, sonda o terreno, dispõe-te a esperar e faz como o general cauteloso que não ataca, senão quando chega o momento favorável.

NOTA — (Escrita em janeiro de 1867) — Na época em que essa comunicação foi dada, eu apenas tinha em vista O Livro dos Espíritos e longe estava, como disse o Espírito, de imaginar as proporções que tomaria o conjunto do trabalho. Os acontecimentos preditos só decorridos muitos anos teriam de verificar-se, tanto

que neste momento ainda não se deram. As obras que até agora apareceram foram publicadas sucessivamente e eu fui induzido a elaborá-las, à medida que as novas idéias se desenvolveram. Das que restam por fazer, a mais importante, a que se poderá considerar a cúpula do edifício e que, com efeito, encerra os capítulos mais espinhosos, não poderia ser publicada, sem prejuízo, antes do período dos desastres. Eu, então, um único livro via e não compreendia que esse pudesse cindir-se, enquanto que o Espírito aludia aos que teriam de seguir-se e cuja publicação prematura apresentaria inconvenientes.

“Dispõe-te a esperar, disse o Espírito; não dês ouvidos aos impacientes que procurem empurrar-te para diante.” Os impacientes não faltaram e, se eu os escutara, teria atirado o navio em cheio nos arrecifes. Coisa estranha! ao passo que uns me incitavam a andar mais depressa, outros me acusavam de não ir tão devagar quanto devia. Não dei ouvidos nem a uns, nem a outros, tomando sempre por bússola a marcha das idéias.

De que confiança no futuro não me enchia eu, à proporção que via realizar-se o que fora predito e que comprovava a profundidade e a sabedoria das instruções dos meus protetores invisíveis!

11 de setembro de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin) O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Depois de haver eu procedido à leitura de alguns capítulos de O Livro dos Espíritos, concernentes às leis morais, o médium espontaneamente escreveu:

“Compreendeste bem o objetivo do teu trabalho. O plano está bem concebido. Estamos satisfeitos contigo. Continua; mas, lembra-te, sobretudo quando a obra se achar concluída, de que te recomendamos que a mandes imprimir e propagar. É de utilidade geral. Estamos satisfeitos e nunca te abandonaremos. Crê em Deus e avante.”

Muitos Espíritos

6 de maio de 1857

(Em casa da Sra. de Cardone)

167. Falando sobre os acontecimentos futuros, que disse o Espírito de Verdade?

O diálogo com o Espírito de Verdade ocorreu em 12 de maio de 1856 na casa do Sr. Baudin.

Nele, o Espírito lhe fez uma advertência importante asseverando que não devemos nunca precisar as coisas futuras.

Os acontecimentos pressentidos, certamente, ocorrerão num tempo próximo, mas que não pode ser precisado.

Kardec lhe perguntou, então, qual o sentido da frase “os tempos são chegados”, e ele explicou que certas mudanças nunca chegam bruscamente como um raio, mas são, de há muito, preparadas por acontecimentos parciais, que lhes são como os precursores e como os ruídos surdos que precedem a erupção de um vulcão.

Pode-se, pois, dizer que os tempos estão chegados, sem que isso signifique que as coisas chegarão amanhã.

Haveria cataclismos? Não; nem dilúvio, nem abrasamento do nosso planeta, nem outras coisas desse gênero, porque não se pode dar o nome de cataclismo a perturbações locais. “Não haverá senão um cataclismo moral, de que os homens serão os instrumentos”, aduziu o Espírito de Verdade.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Acontecimentos futuros.)

VII – A TIARA ESPIRITUAL

Eu tivera ocasião de conhecer a Sra. de Cardone nas sessões do Sr. Roustan. Alguém me disse, creio que foi o Sr. Carlotti, que ela possuía notável talento para ler nas mãos. Nunca acreditei que as linhas da mão tenham uma significação qualquer, mas sempre acreditei que, para certas pessoas dotadas de uma espécie de segunda vista, podia isso constituir meio de estabelecerem uma relação que lhes permitisse, como aos sonâmbulos, dizer algumas vezes coisas verdadeiras. Os sinais da mão nada mais são, nesse caso, do que um pretexto, um meio de fixar a atenção, de desenvolver a lucidez, como o são as cartas, a borra de café, os espelhos ditos mágicos, para os indivíduos que dispõem dessa faculdade. A experiência me confirmou de novo a justeza dessa opinião. Seja como for, aquela senhora, tendo-me convidado a ir visitá-la, acedi ao seu convite e eis aqui um resumo do que ela me disse:

“Nascestes com grande abundância de recursos e de meios intelectuais... extraordinária força de raciocínio.

Formou-se o vosso gosto; governado pela cabeça, moderais a inspiração pelo raciocínio; subordinais o instinto, a paixão, a intuição ao método, à teoria. Tivestes sempre pendor para as ciências morais. Amor da verdade, absoluta. Amor da Arte definida.

“Tem número, medida e cadência o vosso estilo; mas, por vezes, trocaríeis um pouco da sua precisão por uma certa poesia.

“Como filósofo idealista, estivestes sujeito à opinião de outrem; como filósofo crente, experimentais agora a necessidade de formar seita.

“Benevolência judiciosa; necessidade imperiosa de aliviar, de socorrer, de consolar; necessidade de independência.

“Muito demoradamente vos corrigis da subitânea impulsão do vosso humor.

“Éreis singularmente apto para a missão que vos está confiada, porquanto o vosso feitio é mais para vos tornardes o centro de imensos desenvolvimentos, do que capaz de trabalhos insulados... Vossos olhos têm o olhar do pensamento.

“Vejo aqui o sinal da tiara espiritual... É bem pronunciado... Vede.” (Olhei e nada vi de particular.)

Que entendeis, perguntei-lhe, por tiara espiritual? Querereis dizer que serei papa? Se tal houvesse de acontecer, não seria decerto nesta existência.

Resposta — Deveis notar que eu disse tiara espiritual, o que significa: autoridade moral e religiosa e não soberania efetiva.”

Reproduzi pura e simplesmente as palavras daquela senhora, por ela mesma transcritas. Não me compete julgar se são exatas sobre todos os pontos. Algumas, reconheço-as verdadeiras, porque estão de acordo com o meu caráter e com as disposições do meu espírito.

Há, porém, uma passagem evidentemente errônea, a em que ela diz, a propósito do meu estilo, que eu às vezes trocava algo da minha precisão por um pouco de poesia. Nenhum instinto poético existe em mim; o que procuro, acima de tudo, o que me agrada, o que aprecio nos outros é a clareza, a limpidez, a precisão e, longe de sacrificar esta a poesia, o que se me poderia reprochar fora o sacrificar o sentimento poético à seqüidão da forma positiva. Preferi sempre o que fala à inteligência ao que apenas fala à imaginação.

Quanto à tiara espiritual, O Livro dos Espíritos acabava de aparecer; a Doutrina estava em seus primórdios e não podia ainda prejudicar dos resultados que ulteriormente daria. Nenhuma importância, pois, liguei a essa revelação e me limitei a anotá-la a título informativo.

No ano seguinte a Sra. de Cardone deixou Paris e não tornei a vê-la, senão oito anos depois, em 1866, quando as coisas já tinham caminhado bastante. Disse-me ela: Lembra-se da minha predição acerca da tiara espiritual? Aí a tem realizada. — Como realizada? Que eu o saiba, não me acho no trono de S. Pedro. — Não, decerto; mas, também, não foi isso o que lhe anunciei. O senhor não é, de fato, o chefe da Doutrina, reconhecido pelos espíritos do mundo inteiro? Não são os seus escritos que fazem lei? Não se contam por milhões os seus correligionários? Em matéria de Espiritismo, haverá alguém cujo nome tenha mais autoridade do que o seu? Os títulos de sumo sacerdote, de pontífice, mesmo de papa, não lhe são dados espontaneamente? São no, sobretudo, pelos seus adversários e por ironia, bem o sei, mas nem por isso o fato deixa de

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

indicar de que gênero é a influência que eles lhe reconhecem, porque pressentem qual o papel que lhe cabe. Assim, esses títulos lhe ficarão.

Em suma, o senhor conquistou, sem a buscar, uma posição moral que ninguém lhe pode tirar, dado que, sejam quais forem os trabalhos que se elaborem depois dos seus, ou concomitantemente com eles, o senhor será sempre o proclamado fundador da Doutrina. Logo, em realidade, está com a tiara espiritual, isto é, com a supremacia moral. Reconheça, portanto, que eu disse a verdade.

Acredita agora, mais um pouco, nos sinais das mãos? — Menos que nunca e estou convencido de que, se a senhora viu alguma coisa, não foi na minha mão, mas no seu próprio espírito e vou prová-lo.

Admito que nas mãos, como nos pés, nos braços e nas outras partes do corpo, existem certos sinais fisiognomônicos; mas, cada órgão apresenta sinais particulares, conforme o uso a que é sujeito e conforme as suas relações com o pensamento. Os sinais das mãos não podem ser os mesmos que os dos pés, dos braços, da boca, dos olhos, etc.

Quanto ao pregueado da palma das mãos, a maior ou menor acentuação que apresentam resulta da natureza da pele e da maior ou menor quantidade de tecido celular. Como essas partes em nenhuma correlação fisiológica estão com os órgãos das faculdades intelectuais e morais, não podem ser a expressão dessas faculdades. Mesmo admitindo-se que haja essa correlação, elas poderiam fornecer indicações sobre o estado atual do indivíduo, mas não poderiam constituir sinais de presságios de coisas futuras, nem de acontecimentos passados e independentes da vontade do mesmo indivíduo. Na primeira hipótese, eu, a rigor, compreenderia que, com o auxílio de tais lineamentos, se pudesse dizer que uma pessoa possui esta ou aquela aptidão, este ou aquele pendor; o mais vulgar bom-senso, porém, repeliria a idéia de que se possa ver ali se ela foi casada ou não, quantas vezes e o número de filhos que teve, se é viúva ou não, e outras coisas semelhantes, como o pretende a maioria dos quiromantes.

Entre as linhas das mãos, há uma que toda gente conhece e que representa bem um M. Se é bastante acentuada, pressagia, dizem, uma vida infeliz (malheureuse); porém, a palavra malheur (infelicidade) é francesa e ninguém se lembra de que, nas outras línguas, a palavra que a essa corresponde não começa pela mesma letra, donde se segue que a linha em questão deveria apresentar formas diferentes, de acordo com as línguas dos povos.

Quanto à tiara espiritual, é, evidentemente, uma coisa especial, excepcional e, até certo ponto, individual e eu estou convencido de que a senhora não encontrou essa expressão no vocabulário de nenhum tratado de quiromancia. Como então lhe veio ela à mente? Pela intuição, pela inspiração, por essa espécie de presciência peculiar à dupla vista de que muitas pessoas são dotadas sem o suspeitarem. Sua atenção estava concentrada nos lineamentos da mão, a senhora fixou o pensamento num sinal em que outra pessoa teria visto coisa muito diversa, ou a que a senhora mesmo atribuiria significação diferente, se se tratasse de outro indivíduo.

17 de janeiro de 1857

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

171. Que significa a palavra tiara, usada por uma médium numa referência a Kardec?

Tiara [do persa, pelo gr. tiára, e pelo lat. tiara] é um substantivo que significa: mitra do pontífice; ornamento de cabeça usado outrora por soberanos do Oriente; adorno em forma de arco que serve para prender os cabelos. Fig. Dignidade pontifícia.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Acontecimentos futuros.)

172. Onde e quando apareceu a expressão tiara espiritual, e que médium a utilizou?

Foi em 6 de maio de 1857, na casa da Sra. Cardone, pouco depois da publicação da primeira edição d'O Livro dos Espíritos.

A Sra. Cardone foi apresentada a Kardec numa reunião na casa do Sr. Roustan. Alguém lhe dissera, parece que foi o Sr. Carlotti, que ela possuía um talento notável para ler as mãos.

Kardec jamais acreditou no significado das linhas da mão, mas pensava que isso poderia ser, para certas pessoas dotadas de uma espécie de segunda vista, um meio de estabelecer uma relação que lhe permitisse, como aos sonâmbulos, dizer coisas verdadeiras.

Os sinais da mão não seriam senão um pretexto, um meio de fixar a atenção, desenvolver a lucidez, como o são as cartas e os espelhos ditos mágicos para os indivíduos que gozam dessa faculdade.

A experiência, mais de uma vez, lhe confirmou a verdade dessa opinião. A Sra. Cardone convidou-o para ir vê-la, e ele foi.

Eis um resumo do que ela, graças à sua faculdade, lhe disse:

“Sois nascido com uma grande abundância de recursos e de meios intelectuais... força extraordinária de julgamento.

Vosso gosto está formado; governado pela cabeça, moderais a inspiração pelo julgamento; sujeitais o instinto, a paixão, a intuição ao método, à teoria.

Tivestes sempre o gosto das ciências morais. Amor ao verdadeiro absoluto. Amor da arte definida. Vosso estilo vem do número, da medida, da cadência; mas, às vezes, trocáis um pouco da vossa precisão pela da poesia.

Como filósofo idealista, vos sujeitastes às opiniões alheias; como filósofo crente, sentis agora a necessidade de fazer seita.

Benevolência judiciosa; necessidade imperiosa de aliviar, de socorrer, de consolar; necessidade de independência.

Corrigi-vos muito lentamente da prontidão de vosso temperamento. Sois singularmente apropriado para a missão que vos está confiada, porque estais mais feito para vos tornar o centro de desenvolvimentos imensos, do que capaz de trabalhos isolados – os vossos olhos têm o olhar do pensamento.

Vejo aqui o sinal da tiara espiritual, está muito pronunciado, olhai.

“Kardec diz que olhou e nada viu. Em face disso, perguntou à médium:

Que entendeis por tiara espiritual? Quereis dizer que serei papa? Se isso devesse ser, certamente não seria nesta existência. Ela respondeu:

“Notai que disse tiara espiritual, o que quer dizer autoridade moral e religiosa, e não poder supremo efetivo”.

Comentando o assunto, Kardec disse que alguns pontos citados pela Sra. Cardone eram verdadeiros, mas havia ali uma passagem evidentemente errada, aquela em que disse, a propósito do estilo, que ele trocária, às vezes, um pouco de sua precisão pela poesia.

Isso, segundo ele, não era verdade:

“Não tenho nenhum instinto poético; o que procuro, acima de tudo, o que me agrada, o que estimo, nos outros, é a clareza, a limpidez, a precisão, e longe de sacrificar esta, à poesia, poder-se-ia antes me censurar por sacrificar o sentimento poético à secura da forma positiva.

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

Tenho preferido o que fala à inteligência, ao que não fala senão à imaginação”.

Quanto à tiara espiritual, O Livro dos Espíritos acabava de aparecer:

A doutrina espírita estava em seu início, e não se poderia, ainda, julgar seus resultados ulteriores.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Acontecimentos futuros.)

VIII – PRIMEIRO ANÚNCIO DE UMA NOVA ENCARNAÇÃO

O Espírito prometera escrever-me uma carta por ocasião da entrada do ano. Tinha, dizia, qualquer coisa de particular a me dizer. Havendo lha eu pedido numa das reuniões ordinárias, respondeu que a daria na intimidade ao médium, para que este me transmitisse. É esta a carta: “Caro amigo, não te quis escrever terça-feira última diante de toda a gente, porque há certas coisas que só particularmente se podem dizer.

“Eu queria, primeiramente, falar-te da tua obra, a que mandaste imprimir. (O Livro dos Espíritos entrara para o prelo.) Não te afadigues tanto, da manhã à noite; passarás melhor e a obra nada perderá por esperar.

“Segundo o que vejo, és muito capaz de levar a bom termo a tua empresa e tens que fazer grandes coisas. Nada, porém, de exagero em coisa alguma. Observa e aprecia tudo judiciosa e friamente. Não te deixes arrastar pelos entusiastas, nem pelos muito apressados. Mede todos os teus passos, a fim de chegares ao fim com segurança. Não creias em mais do que aquilo que vejas; não desvies a atenção de tudo o que te pareça incompreensível; virás a saber a respeito mais do que qualquer outro, porque os assuntos de estudo serão postos sob as tuas vistas.

“Mas, ah! a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo! Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. Terás que voltar, reencarnado noutro corpo, para completar o que houveres começado e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela Terra.

“Surgirão invejosos e ciosos que procurarão infamar-te e fazer-te oposição: não desanimes; não te preocupes com o que digam ou façam contra ti; prossegue em tua obra; trabalha sempre pelo progresso da Humanidade, que serás amparado pelos bons Espíritos, enquanto perseverares no bom caminho.

‘Lembras-te de que, há um ano, prometi a minha amizade aos que, durante o ano, tivessem tido um proceder sempre correto? Pois bem! declaro que és um dos que escolhi entre todos.’

Teu amigo que te quer e protege. — Z.

NOTA — Já tive ocasião de dizer que Z. não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo. Talvez fosse mais adiantado do que o deixava supor o nome que tomara. Legitimavam essa suposição o caráter sério e a sabedoria de suas comunicações, conforme as circunstâncias. Sob a capa daquele nome, ele se permitia usar de uma linguagem familiar apropriada ao meio onde se manifestava e dizer, como frequentemente sucedia, duras verdades, sob a forma leve do epigrama. Como quer que seja, dele guardei sempre grata recordação e muito reconhecimento pelas boas advertências que sempre me deu e pelo devotamento que me testemunhou. Desapareceu com a dispersão da família Baudin, dizendo que em breve reencarnaria.

15 de novembro de 1857

(Em casa do Sr. Dufaux; médium: Sra. E. Dufaux)

174. Antes da publicação d'O Livro dos Espíritos, Zéfiro fez a Kardec um anúncio importante. Onde e quando isso ocorreu?

Foi em 17 de janeiro de 1857 na casa do Sr. Baudin. Na mensagem, Zéfiro falou primeiro sobre O Livro dos Espíritos, que já se encontrava no prelo, e depois lhe deu vários conselhos:

“Não exageres nada; vê e aprecia tudo sadia e friamente; mas não te deixes arrastar pelos entusiastas e os muito apressados; calcula todos os teus passos e todas as providências a fim de chegarem infalivelmente.

Não creias mais do que não vês: não vires a cabeça para o que te pareça incompreensível; disso saberás mais do que um outro, porque se te colocarão os assuntos de estudo sob os olhos.

Mas, ai! a verdade não será ainda conhecida, nem acreditada, por todos, antes de muito tempo!”

Em seguida, aduziu: “Não verás, nesta existência, senão a aurora do sucesso de tua obra; será necessário que retornes, reencarnado num outro corpo, para completar o que tiveres começado, e, então, terás a satisfação de ver, em plena frutificação, a semente que tiveres difundido sobre a Terra.

Terás invejosos e ciumentos que procurarão te denegrir e contrariar; não te desencorajes; não te inquietes com o que se dirá ou se fará contra ti; prossegue tua obra; trabalha sempre pelo progresso da Humanidade, e serás sustentado pelos bons Espíritos enquanto perseverares no bom caminho”.

Em comentário acerca desta mensagem, Kardec fala sobre Zéfiro e confirma que esse Espírito desapareceu com a dispersão da família Baudin, pois lhe havia dito que ele, Zéfiro, logo deveria reencarnar.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Anúncio de uma nova encarnação.)

IX – A REVISTA ESPÍRITA

Pergunta — Tenho a intenção de publicar um jornal espírita: julgais que o conseguirei e me aconselhais a fazê-lo? A pessoa a quem me dirigi, Sr. Tiedeman, não parece resolvida a me prestar o seu concurso pecuniário.

Resposta — Consegui-lo-ás, com perseverança. A idéia é boa; preciso se faz, porém, deixá-la amadurecer mais.

P. — Temo que outros me tomem a dianteira.

R. — Importa andar depressa.

P. — Não quero outra coisa, mas falta-me tempo. Tenho dois empregos que me são necessários, como o sabeis. Desejara renunciar a eles, a fim de me consagrar inteiramente à minha tarefa, sem outras preocupações.

R. — Por enquanto, não debes abandonar coisa alguma; há sempre tempo para tudo; move-te e conseguirás.

P. — Devo agir sem o concurso do Sr. Tiedeman?

R. — Age com ou sem o seu concurso; não te consumas por sua causa. Podes prescindir dele.

P. — Eu pretendia publicar um primeiro número como ensaio, a fim de lançar o jornal e marcar data, e continuar mais tarde, se for possível. Que vos parece?

R. — A idéia é boa, mas um só número não bastará; entretanto, é conveniente e mesmo necessário, para abrir caminho. Será preciso que lhe dispenses muito cuidado, a fim de assentares as bases de um bom êxito durável. A apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer, porquanto a primeira impressão pode decidir do seu futuro. De começo, debes cuidar de satisfazer à curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de Ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, visto que sem ela o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio da variedade, congregar a instrução sólida ao interesse que, para os trabalhos ulteriores, será poderoso auxiliar.

NOTA — Apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a 1º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepende, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e, como previa o Espírito, esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu. Reconheci mais tarde que fora para mim uma felicidade não ter tido quem me fornecesse fundos, pois assim me conservara mais livre, ao passo que outro interessado houvera querido talvez impor-me suas idéias e sua vontade e criar-me embaraços. Sozinho, eu não tinha que prestar contas a ninguém, embora, pelo que respeitava ao trabalho, me fosse pesada a tarefa. (1º de abril de 1858)

175. A ideia de publicação da Revista Espírita surgiu quando?

A ideia proposta por Kardec foi apresentada no dia 15 de novembro de 1857 na casa do Sr. Dufaux.

O Espírito que se comunicou por intermédio de Ermance Dufaux incentivou-o a levar a ideia adiante, agindo com ou sem o concurso do Sr. Tiedeman, um amigo mencionado pelo professor.

Quanto ao conteúdo da Revista, ele aconselhou que Kardec procurasse, inicialmente, satisfazer à curiosidade, mas unindo, ao mesmo tempo, o sério e o agradável.

O sério para interessar aos homens de ciência, e o agradável para divertir o vulgo.

Esta parte é essencial, mas a outra é a mais importante, porque sem ela o periódico não teria fundamento sólido.

Em uma palavra, era preciso evitar a monotonia pela variedade, reunir a instrução sólida ao interesse, e isso seria, para todos os trabalhos ulteriores, um poderoso auxiliar.

Diz Kardec que logo se apressou em redigir o primeiro número, que apareceu em janeiro de 1858, sem disso nada ter dito a ninguém.

A Revista não tinha um único assinante e ele, nenhum sócio capitalista.

A partir de 1º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o Espírito previra, esse jornal se lhe tornou um poderoso auxiliar.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – A Revista Espírita e a Sociedade Espírita de Paris.)

X – FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

Se bem não haja aqui nenhum caso de previsão, menciono, para conservá-lo em lembrança, o da fundação da Sociedade, por motivo do papel que ela representou na marcha do Espiritismo e das comunicações a que deu lugar.

Havia cerca de seis meses, eu realizava, em minha casa, à rua dos Mártires, uma reunião com alguns adeptos, às terças-feiras. A Srta. E. Dufaux era a médium principal. Conquanto o local não comportasse mais de 15 ou 20 pessoas, até 30 lá se juntavam às vezes. Apresentavam grande interesse tais reuniões, pelo caráter sério de que se revestiam e pelas questões que ali se tratavam. Lá não raro compareciam príncipes estrangeiros e outras personagens de alta distinção. Nada cômoda pela sua disposição, a sala onde nos reuníamos se tornou em breve muito acanhada. Alguns dos frequentadores deliberaram cotizar-se para alugar uma que mais conviesse. Mas, então, fazia-se necessária uma autorização legal, a fim de se evitar que a autoridade nos fosse perturbar. O Sr. Dufaux, que se dava pessoalmente com o Prefeito de Polícia, encarregou-se de tratar do caso. A autorização também dependia do Ministro do Interior. Coube então ao general X. que era, sem que ninguém o soubesse, simpático às nossas idéias, embora sem as conhecer inteiramente, obter a autorização. Esta, graças à sua influência, pôde ser concedida em quinze dias, quando, de ordinário, leva três meses para ser dada.

A Sociedade ficou, em consequência, legalmente constituída e passamos a reunir-nos todas as terças-feiras no compartimento que ela alugara, no Palais Royal, galeria de Valois. Aí esteve um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não tendo permanecido lá por mais tempo, entrou a reunir-se às sextas-feiras num dos salões do restaurante Douix, no mesmo Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou num local seu, à rua e passagem Sant'Ana, 59.

Formada a princípio de elementos pouco homogêneos e de pessoas de boa vontade, que eram aceitas com facilidade um tanto excessiva, a Sociedade se viu sujeita a muitas vicissitudes, que não foram dos menores percalços da minha tarefa.

24 de janeiro de 1860

(Em casa do Sr. Forbes; médium: Sra. Forbes)

DURAÇÃO DOS MEUS TRABALHOS

Segundo a minha maneira de apreciar as coisas, calculava eu que ainda me faltavam cerca de dez anos para conclusão dos meus trabalhos; mas, a ninguém falara disso. Achei-me, pois, muito surpreendido, ao receber de um dos meus correspondentes de Limoges uma comunicação dada espontaneamente, em que o Espírito, falando de meus trabalhos, dizia que dez anos se passariam antes que eu os terminasse.

Pergunta (à Verdade) — Como é que um Espírito, comunicando-se em Limoges, onde nunca fui, pôde dizer precisamente o que eu pensava acerca da duração dos meus trabalhos?

Resposta — Nós sabemos o que te resta a fazer e, por conseguinte, o tempo aproximado de que precisas para acabar a tua tarefa. É, portanto, muito natural que alguns Espíritos o tenham dito em Limoges e algures, para darem uma idéia da amplitude da coisa, pelo trabalho que exige. Entretanto, não é absoluto o prazo de dez anos; pode ser prolongado por alguns mais, em virtude de circunstâncias imprevistas e independentes da tua vontade.

NOTA — (Escrita em dezembro de 1866) — Tenho publicado quatro volumes substanciosos, sem falar de coisas acessórias. Os Espíritos instam para que eu publique A Gênese em 1867, antes das perturbações. Durante o período da grande perturbação terei de trabalhar nos livros complementares da Doutrina, que não poderão aparecer senão depois da forte tormenta e para os quais me são precisos de três a quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, a 1870, isto é, em torno de 10 anos.

28 de janeiro de 1860

(Em casa do Sr. Solichon; médium: Srta. Solichon)

ACONTECIMENTOS. PAPADO

Pergunta (ao Espírito Ch.) — Foste embaixador em Roma e a esse tempo predisseste a queda do governo papal. Que pensas hoje a esse respeito?

Resposta — Creio que se aproxima o tempo em que a minha profecia se cumprirá, porém, não sem grandes dores. Tudo se complica; exacerbam-se as paixões e uma coisa que se poderia fazer sem comoção, empolgou a todos, e de tal maneira que a cristandade inteira será abalada.

P. — Consentirias em dar-nos a tua opinião sobre o poder temporal do Papa?

R. — Penso que o poder temporal do Papa não é necessário à sua grandeza, nem ao seu poder moral; ao contrário, quanto menos súditos ele contar, mais venerado será. Aquele que é o representante de Deus na Terra está colocado muito alto para não precisar do realce do poder terreno. Dirigir a Terra espiritualmente, tal a missão do pai dos cristãos. P. — Achas que o Papa e o Sacro Colégio, mais bem esclarecidos, farão tudo por evitar o cisma e a guerra intestina, embora seja apenas moral? R. — Não o creio; todos esses homens são obstinados, ignorantes, habituados a todos os gozos profanos; necessitam de dinheiro para satisfazê-los e recearão que a nova ordem de coisas não permita que o ganhem suficientemente. Por isso levam tudo ao extremo, pouco se incomodando com o que venha a acontecer, por demasiadamente cegos para compreenderem as consequências da sua maneira de proceder. P. — Nesse conflito não será de temer-se que a infeliz Itália sucumba e seja posta sob o cetro da Áustria? R. — Não, é impossível. A Itália sairá vitoriosa da luta e a liberdade raiará para essa terra gloriosa. Ela nos salvou da barbárie, foi nossa mestra em tudo o que a inteligência tem de mais nobre e de mais elevado. Não recairá absolutamente sob o jugo dos que a rebaixaram.

12 de abril de 1860

(Em casa do Sr. Dehau; médium: Sr. Crozet) (Comunicação espontânea obtida na minha ausência)

MINHA MISSÃO

Pela sua firmeza e perseverança, o vosso Presidente desmanchou os projetos dos que procuravam destruir-lhe o crédito e arruinar a Sociedade, na esperança de desfecharem na Doutrina um golpe fatal. Honra-lhe seja! Fique ele certo de que estamos a seu lado e que os Espíritos de sabedoria se sentirão felizes por poderem assisti-lo em sua missão. Quantos desejariam desempenhar a sombra dessa missão, para receberem a sombra dos benefícios que decorrem dela!

Ela, porém, é perigosa e, para cumpri-la, são necessárias uma fé e uma vontade, inabaláveis, assim como abnegação e coragem para afrontar as injúrias, os sarcasmos, as decepções e não se alterar com a lama que a inveja e a calúnia atirem. Nessa posição, o menos que pode acontecer a quem a ocupa é ser tratado de louco e de charlatão. Deixai que falem, deixai que pensem livremente: tudo, exceto a felicidade eterna, dura pouco. Tudo vos será levado em conta e ficai sabendo que, para ser-se feliz, é preciso que se haja contribuído para a felicidade dos pobres seres de que Deus povoou a vossa terra. Permaneça, pois, tranquila e serena a vossa consciência: é o precursor da felicidade celeste.

15 de abril de 1860

(Marselha; médium: Sr. Jorge Genouillat)

(Comunicação transmitida pelo Sr. Brion Dorgeval)

176. Quando surgiu a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas?

Sua fundação ocorreu em 1º de abril de 1858. Kardec explica como foi a origem da Sociedade. Ele realizava então em sua casa, na Rua dos Martyrs, uma reunião de que participavam alguns adeptos, todas as terças-feiras.

O principal médium era a Srta. Dufaux. Embora o local não pudesse conter senão entre 15 e 20 pessoas, às vezes nele se encontravam até 30.

As reuniões ofereciam um grande interesse pelo seu caráter sério e pela alta importância das questões que ali eram tratadas, e frequentemente viam-se ali príncipes estrangeiros e outras personalidades distintas.

O local, pouco cômodo pela sua disposição, em pouco tempo tornou-se muito exíguo. Alguns dos frequentadores propuseram, então, cotizar-se para alugar um mais conveniente; mas, para isso, era necessário ter uma autorização legal, a fim de evitar problemas com as autoridades francesas.

O Sr. Dufaux, que conhecia pessoalmente o Prefeito de polícia, encarregou-se de pedi-la. A autorização dependia também do Ministro do Interior, o general X., que era, sem que eles soubessem, simpático às ideias espíritas.

A autorização, que demoraria em situação normal três meses, foi obtida em quinze dias. A Sociedade foi, então, regularmente constituída e passou a se reunir todas as terças-feiras no local que alugara no Palais Royal, galeria de Valois, onde permaneceu um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859.

Não podendo permanecer ali por mais tempo, passou a reunir-se todas as quartas-feiras num dos salões do restaurante Douix, no Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que ela se instalou em um local próprio, na Rua e Passagem Sainte Anne, 59.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – A Revista Espírita e a Sociedade Espírita de Paris.)

XI – FUTURO DO ESPIRITISMO

O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, que se tornou, nas mãos dos padres, objeto de comércio e de tráfico vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação os mais sagrados direitos da Humanidade.

Um Espírito

10 de junho de 1860

(Em minha casa; médium: Sra. Schmidt)

MINHA VOLTA

Pergunta (à Verdade) — Acabo de receber de Marselha uma carta em que se me diz que, no seminário dessa cidade, estão estudando seriamente o Espiritismo e O Livro dos Espíritos. Que se deve augurar desse fato? Será que o clero toma a coisa a peito?

Resposta — Não podes duvidar disso. Ele a toma muito a peito, porque lhe prevê as consequências e grandes são as suas apreensões. Principalmente a parte esclarecida do clero estuda o Espiritismo mais do que o supõe; não creias, porém, que seja por simpatia; ao contrário, é à procura de meios para combatê-lo e eu te asseguro que rude será a guerra que lhe fará. Não te incomodes; continua a obrar com prudência e circunspeção; tem-te em guarda contra as ciladas que te armarão; evita cuidadosamente em tuas palavras e nos teus escritos tudo o que possa fornecer armas contra ti.

Prosegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós “por um pouco”.

P. — Que queres dizer por essas palavras: “por um pouco”?

R. — Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver à Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência. Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo. Entretanto, há trabalhos que convém os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los.

NOTA — Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho de fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude, até à idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro.

21 de setembro de 1861

(Em minha casa; médium: Sr. d'A.)

Crônicas e Artigos

399 – 01/02/2015

O Consolador – (Vinícius Lima Lousada)

Sobre o Futuro do Espiritismo

XI – Futuro do Espiritismo

“O Espiritismo é o grande nivelador que avança para aplainar todas as heresias. Ele é conduzido pela simpatia; ele é seguido pela concórdia, pelo amor e pela fraternidade; ele avança sem abalos e sem revolução; ele nada vem destruir, nada derrubar na organização social; ele vem a tudo renovar.” – Um filósofo do outro mundo. (1)

Que será do Espiritismo nesses dias de pós-modernidade desvairada, de afetos líquidos, de certezas nada certas, de fidelidades transitórias à epistemologia espírita? Como se portará essa filosofia diante de escassez de sabedoria no copo transbordante de tanta informação veiculada, não raramente, superficial?

Como lidará a Doutrina dos Espíritos, no século XXI, com tamanha mídia a seu serviço nem sempre apresentando o pensamento lúcido de Allan Kardec, forjando um caráter de religião nacionalista – que o Espiritismo com Kardec nunca teve –, com pregações, cânticos e rezas que parecem configurar um novo evangelismo, pouco identificado com a tradição filosófica em que o mestre inseriu a Doutrina, desde O Evangelho segundo o Espiritismo, ao apresentar como seus precursores Sócrates e Platão?

Que serão dos colóquios naturais com os desencarnados em tempos que um novo moisaísmo parece ecoar nas mentes e proibir, sem chancela alguma do ensino coletivo dos Espíritos, a arte de dialogar com os supostos mortos, apesar das instruções de Kardec sobre as evocações?

As pessoas solitárias não poderão chamar seus amados, domiciliados no além, para um abraço a mais, uma conversa a mais, uma elucidação sobre as leis da vida e suas consequências? Não poderá o coração em dúvida rogar ao seu benfeitor espiritual aconselhamentos enobrecedores? Até quando indagar os Espíritos sobre temas sérios, a despeito do ensino kardequiano, vai ser algo visto como coisa permitida somente para gente de nível evolutivo inencontrável na Terra?

E os médiuns terão de esquecer que o são e recalcarão as suas potencialidades psíquicas para se ajustarem ao adestramento conduzido por alguns agentes que ignoram a pedagogia da mediunidade proposta por Kardec ou não guardam na alma qualquer vivência mais profunda com o fenômeno espírita?

Como se comportará a filosofia composta pelos Espíritos e Kardec diante da negação do diálogo e do debate que se coloca para dar lugar aos discursos “iluminados” que não suportam a dúvida e a inquietação filosófica?

O Espiritismo suportará aqueles que se creem com credenciais maiores que as de Kardec ao ponto de ignorarem a sua obra para criarem sistemas de ideias particulares e exóticas?

Mesmo que a arrogância não ouça o pensamento crítico, se faça excludente com os que se dedicam a pensar filosoficamente e venha a se dedicar a um discurso obscurantista – que promova a ignorância como virtude e achincalhe a inteligência em nome da fé cega, estigmatizando-a de vaidade –, o Espiritismo prosseguirá no ar, fazendo vibrar as fibras íntimas dos que se sentiram tocados no coração por sua filosofia, adotando-a como referência existencial. O Espiritismo independe dos homens e das mulheres ou das instituições.

É mensagem dos Espíritos à humanidade domiciliada na carne e, mesmo que o seu ensino seja proibido – algo que seus adversários desistiram, faz tempo –, ele ainda existirá.

O Espiritismo está na Natureza, está no Espírito, nas leis que a vida encerra e revela em sua majestade, delineando uma ideia, a nós outros, acerca da Inteligência Suprema e de nossa própria pequenez ante a Sapiência Divina.

Será uma lástima se o saber espírita, com todo o seu potencial transdisciplinar, como ciência do infinito em permanente diálogo criativo com as leis naturais, seja encarcerado nas nossas referências religiosas do passado.

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

O futuro, diz o adágio popular, a Deus pertence. Mas quero crer que os limitantes impostos ao Espiritismo pela falta de lucidez em voga se dissiparão ante o ensino progressivo e coletivo dos Espíritos que se apresentam diuturnamente à grande família humana, independente de credo, partido, questões étnicas, religião, condições econômicas ou posições ocupadas na sociedade.

O Espiritismo, com Kardec, prossegue.

E o seu futuro? O mesmo dos grandes ideais: como uma fênix mitológica ressurgirá sempre das cinzas a que fora reduzido para, em novas possibilidades, renovar tudo à sua volta.

Queiram as mentes estreitas ou não, o Espiritismo prosseguirá em sua tarefa de renovação, apesar delas, sendo que os Espíritos são os seus maiores propagadores, como um dia ensinou Allan Kardec.

Construamos, enfim, uma convicção espírita na base sólida da fé raciocinada e estudemos Kardec, na fonte e em profundidade, para que através de nós o Espiritismo seja Espiritismo, com os seus princípios, desdobramentos e a lucidez que o caracteriza desde as bases Kardequianas.

(1) Revista Espírita, junho de 1863. O futuro do Espiritismo.

XII – AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA – APREENSÃO DOS LIVROS

A pedido do Sr. Lachâtre, então residente em Barcelona, eu lhe enviara certa quantidade de O Livro dos Espíritos, de O Livro dos Médiuns, das coleções da Revista Espírita, além de diversas obras e brochuras espíritas, perfazendo um total de cerca de 300 volumes. A expedição da encomenda fora regularmente feita pelo seu correspondente em Paris, num caixão que continha outras mercadorias e sem a menor infração da legalidade. À chegada dos livros, fizeram que o destinatário pagasse os direitos de entrada, mas, antes de os entregarem, houve que ser entregue uma relação das obras ao bispo, pois, naquele país, a polícia de livraria competia à autoridade eclesiástica. O bispo se achava então em Madri. Ao regressar, tomando conhecimento da relação dos livros, ordenou que eles fossem apreendidos e queimados em praça pública pela mão do carrasco. A execução da sentença foi marcada para 9 de outubro de 1861.

Se se houvesse tentado introduzir aquelas obras como contrabando, a autoridade espanhola teria o direito de dispor delas à sua vontade; mas, desde que absolutamente não havia fraude, nem surpresa, como o provava o pagamento espontâneo dos direitos, fora de rigorosa justiça que se ordenasse a reexportação dos volumes, uma vez que não convinha se lhes admitisse a entrada. Ficaram, porém, sem resultado as reclamações apresentadas por intermédio do Cônsul francês em Barcelona. O Sr. Lachâtre me perguntou se valeria a pena recorrer à autoridade superior. Opinei por que se deixasse consumir o ato arbitrário; entendi, porém, acertado ouvir a opinião do meu guia espiritual.

Pergunta (à Verdade) — Não ignoras, sem dúvida, o que acaba de passar-se em Barcelona, com algumas obras espíritas. Quererás ter a bondade de dizer-me se convirá prosseguir na reclamação para restituição delas?

Resposta — Por direito, podes reclamá-las e conseguirias que te fossem restituídas, se te dirigisses ao Ministro de Estrangeiros da França. Mas, ao meu parecer, desse autode-fé resultará maior bem do que o que adviria da leitura de alguns volumes. A perda material nada é, a par da repercussão que semelhante fato produzirá em favor da Doutrina. Deves compreender quanto uma perseguição tão ridícula, quanto atrasada, poderá fazer a bem do progresso do Espiritismo na Espanha. A queima dos livros determinará uma grande expansão das idéias espíritas e uma procura febricitante das obras dessa doutrina. As idéias se disseminarão lá com maior rapidez e as obras serão procuradas com maior avidez, desde que as tenham queimado. Tudo vai bem.

P. — Convirá que eu escreva a respeito um artigo para o próximo número da Revista?

R. — Espera o autode-fé fé.

9 de outubro de 1861

AUTO-DE-FÉ EM BARCELONA

Esta data ficará assinalada nos anais do Espiritismo, por motivo do auto-de-fé praticado com os livros espíritas em Barcelona. Eis aqui um extrato da ata da execução:

“Neste dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no local onde são executados os criminosos condenados ao derradeiro suplício e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber: O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec, etc.”

Os principais jornais da Espanha deram conta minuciosa do fato, que os órgãos da imprensa liberal do país muito justamente profligaram. É de notar-se que na França

os periódicos liberais se limitaram a mencioná-lo sem comentários. O próprio Século, tão ardoroso em estigmatizar os abusos do poder e os menores atos de intolerância do clero, não achou uma palavra de reprovação para esse ato digno da Idade Média. Alguns jornais da pequena imprensa acharam mesmo no caso motivo para risota. Pondo de parte o que diz respeito à crença, havia ali uma questão de princípio, de direito internacional, que interessava a todo o mundo, sobre a qual não teriam tão levemente guardado silêncio, se se tratasse de certas outras obras. Eles não se furtam de censuras, quando está em causa a simples exigência de uma estampilha para venda de

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

um livro materialista; ora, o restaurar a Inquisição as suas fogueiras com a solenidade de outrora, às portas da França, apresentava bem maior gravidade. Por que, então, semelhante indiferença? É que estava em jogo uma doutrina a cujos progressos a incredulidade assiste com pavor. Reivindicar justiça para ela fora consagrar-lhe o direito à proteção da autoridade e aumentar-lhe o crédito. Seja como for, o auto-de-fé em Barcelona não deixou de produzir o esperado efeito, pela repercussão que teve na Espanha, onde contribuiu fortemente para propagar as idéias espíritas. (Veja-se a Revista Espírita de novembro de 1861, pág. 321.)

O acontecimento abriu ensejo a muitas comunicações da parte dos Espíritos. A que se segue foi dada espontaneamente na Sociedade de Paris, a 19 de outubro, quando regressei de Bordéus.

“Fazia-se mister alguma coisa que chocasse com violência certos Espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se com essa grande doutrina, que há de regenerar o mundo. Nada, para isto, se faz inutilmente na Terra e nós que inspiramos o auto-de-fé em Barcelona, bem sabíamos que, procedendo assim, forçávamos um grande passo para frente. Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, se consumou tendo por fim, chamar a atenção dos jornalistas que se mantinham indiferentes diante dá agitação profunda que abalava as cidades e os centros espíritas. Eles deixavam que falassem e fizessem o que bem entendessem; mas, obstinavam-se em passar por surdos e respondiam com o mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. De bom ou mau grado, hoje falam dele; uns, comprovando o histórico do fato de Barcelona; outros, desmentindo-o, ensejaram uma polêmica que dará volta ao mundo, de grande proveito para o Espiritismo. Essa a razão por que a retaguarda da Inquisição fez hoje o seu último auto-de-fé. É que assim o quisemos.”

Um Espírito (1)

NOTA — De Barcelona enviaram-me uma aquarela feita in loco por um artista distinto, representando a cena do auto-de-fé. Mandeí fazer do quadro uma redução fotográfica. Possuo também um pouco de cinza apanhada na fogueira, onde se encontram fragmentos ainda legíveis de folhas queimadas. Conservei-os numa urna de cristal. (2)

(1) Segundo a Revue Spirite, novembro-1861, p. 325, a mensagem seria de Saint Dominique (São Domingos). Nota da Editora (FEB) à 14ª edição, em 1975.

(2) A Livraria espírita ainda os conserva. Nota da Editora (FEB) à 13ª edição, em 1973: Zêus Wantuil, no artigo “centenário de um auto-de-fé”, em Reformador de 1961, pp. 217/21, informa que a urna foi destruída pelos nazistas na 2ª Grande Guerra.

22 de dezembro de 1861

(Em minha casa: comunicação particular; médium: Sr. d’A.)

Auto-de-fé de Barcelona: das cinzas nasceu a luz

Na segunda parte do livro Obras Póstumas, o qual reúne os derradeiros escritos e as anotações íntimas de Allan Kardec, destinadas a servir mais tarde para a História do Espiritismo que ele não pôde realizar, há uma informação do Codificador a respeito do auto-de-fé de Barcelona, ocorrido no dia 9 de outubro de 1861, às dez e meia, sobre a colina da cidade de Barcelona, no local onde eram executados os condenados à pena última e por ordem do bispo de Barcelona, Don Antônio Palau Y Termens, desencarnado em 8 de julho de 1862.

A pedido do livreiro Maurice Lachatre, Allan Kardec remeteu-lhe grande número de exemplares de O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, coleções da Revista Espírita e diversas obras e brochuras espíritas, num total de aproximadamente 300 volumes. “A expedição foi feita regularmente pelo seu correspondente em Paris, em uma caixa, que continha outras mercadorias e sem a menor infração dos regulamentos.”

Quando as obras chegaram, foram cobrados do destinatário os direitos de importação, mas, antes de lhe entregarem as obras, tiveram de obter o despacho do bispo, autoridade eclesiástica que, na Espanha, tinha a fiscalização dos livros. Ele achava-se em Madri, mas na sua volta, em vista do catálogo, ordenou que as obras fossem apreendidas e queimadas em praça pública.

“Se tivesse havido tentativa de passar aquelas obras por contrabando, a autoridade espanhola estava no direito de dispor delas, como lhe parecesse; desde porém que não houve fraude, nem ardil, tendo-se pago os respectivos direitos, era de rigorosa justiça que se ordenasse a reexportação se não lhe convinha admiti-las no país. As reclamações feitas ao cônsul francês em Barcelona de nada valeram.”

Kardec informa que Lachatre perguntou-lhe se queria recorrer à autoridade superior, mas ele achou por bem consultar o seu guia espiritual. A decisão foi muito diferente daquela que qualquer um de nós tomaria. Disse o Espírito consultado: “Tens o direito de reclamar a devolução das obras e certamente a terás de volta desde que faças a reclamação por intermédio do Ministério das Relações Exteriores da França; a minha opinião, porém, é que maior bem resultará do auto-de-fé que da leitura de alguns volumes. A perda material será grandemente compensada pela repercussão que terá o auto da queima dos livros – o que concorrerá para a propaganda da doutrina. Compreendes quanto uma perseguição tão ridícula e retrógrada pode fazer progredir o Espiritismo na Espanha? As ideias espalhar-se-ão com tanto mais rapidez, as obras serão procuradas com tanto maior avidez, quanto maior for o escândalo da condenação.”

Allan Kardec perguntou se convinha fazer um artigo no próximo número da Revista Espírita, e recebeu a resposta: “Aguarda o auto-de-fé.”

O processo provocou várias comunicações dos Espíritos, entre as quais, uma que destacamos o trecho: “Era preciso que alguma coisa abalasse violentamente certos Espíritos encarnados para que se decidissem a ocupar desta grande doutrina que há de regenerar o mundo”.

Kardec informa que foi-lhe enviado, de Barcelona, um desenho de aquarela, feito por um grande artista, representando a cena do auto-de-fé. “Mandei tirar, em ponto menor, uma cópia fotográfica. Possuo também cinzas colhidas no lugar da fogueira, no meio das quais encontram-se fragmentos, ainda legíveis, das folhas queimadas. Guardo-os em urna de cristal.”

XIII – MEU SUCESSOR

Tendo uma conversação com os Espíritos levado a falar do meu sucessor na direção do Espiritismo, formulei a questão seguinte:

Pergunta — Entre os adeptos, muitos há que se preocupam com o que virá a ser do Espiritismo depois de mim e perguntam quem me substituirá quando eu partir, uma vez que não se vê aparecer ninguém, de modo notório, para lhe tomar as rédeas.

Respondo que não nutro a pretensão de ser indispensável; que Deus é extremamente sábio para não fazer que uma doutrina destinada a regenerar o mundo assente sobre a vida de um homem; que, ao demais, sempre me avisaram que a minha tarefa é a de constituir a Doutrina e que para isso tempo necessário me será concedido. A do meu sucessor será, pois, mais fácil, porquanto já achará traçado o caminho, bastando que o siga. Entretanto, se os Espíritos julgassem oportuno dizer-me a respeito alguma coisa de mais positivo, eu muito grato lhes ficaria.

Resposta — Tudo isso é rigorosamente exato — eis o que se nos permite dizer-te a mais.

Tens razão em afirmar que não és indispensável; só o és ao ver dos homens, porque era necessário que o trabalho de organização se concentrasse nas mãos de um só, para que houvesse unidade; não o és, porém, aos olhos de Deus. Foste escolhido e por isso é que te vês só; mas, não és, como, aliás, bem o sabes, a única entidade capaz de desempenhar essa missão. Se o seu desempenho se interrompesse por uma causa qualquer, não faltariam a Deus outros que te substituíssem. Assim, aconteça o que acontecer, o Espiritismo não periclitará.

Enquanto o trabalho de elaboração não estiver concluído, é, pois, necessário sejas o único em evidência: fazia-se mister uma bandeira em torno da qual pudessem as gentes agrupar-se. Era preciso que te considerassem indispensável, para que a obra que te sair das mãos tenha mais autoridade no presente e no futuro; era preciso mesmo que temessem pelas consequências da tua partida.

Se aquele que te há de substituir fosse designado de antemão, a obra, ainda não acabada, poderia sofrer entraves; formar-se-iam contra ti oposições suscitadas pelo ciúme; discuti-lo-iam, antes que ele desse provas de si; os inimigos da Doutrina procurariam barrar-lhe o caminho, resultando daí cismas e separações. Ele, portanto, se revelará, quando chegar o momento.

Sua tarefa será assim facilitada, porque, como dizes, o caminho estará todo traçado; se ele daí se afastasse, perder-se-ia a si próprio, como já se perderam os que hão querido atravessar-se na estrada. A referida tarefa, porém, será mais penosa noutro sentido, visto que ele terá de sustentar lutas mais rudes. A ti te incumbe o encargo da concepção, a ele o da execução, pelo que terá de ser homem de energia e de ação. Admira aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários: tu possuis as qualidades que eram necessárias ao trabalho que tens de realizar, porém não possuis as que serão necessárias ao teu sucessor. Tu precisas da calma, da tranquilidade do escritor que amadurece as idéias no silêncio da meditação; ele precisará da força do capitão que comanda um navio segundo as regras da Ciência. Exonerado do trabalho de criação da obra sob cujo peso teu corpo sucumbirá, ele terá mais liberdade para aplicar todas as suas faculdades ao desenvolvimento e à consolidação do edifício.

P. — Poderás dizer-me se a escolha do meu sucessor já está feita?

R. — Está, sem o estar, dado que o homem, dispondo do livre-arbítrio, pode no último momento recuar diante da tarefa que ele próprio elegeu. É também indispensável que dê provas de si, de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação. Se se deixasse levar apenas pela ambição e pelo desejo de primar, seria certamente posto de lado.

P. — Frequentemente se há dito que muitos Espíritos encarnariam para ajudar o movimento.

R. — Sem dúvida, muitos Espíritos terão essa missão, mas cada um na sua especialidade, para agir, pela sua posição, sobre tal ou tal parte na sociedade. Todos se revelarão por suas obras e nenhum por qualquer pretensão à supremacia.

Ségur, 9 de agosto de 1863

(Médium: Sr. d'A.)

184. Alguém foi designado pelos Espíritos como sucessor de Kardec?

Objeto de uma consulta feita por Kardec em sua casa em 22 de dezembro de 1861, os Espíritos nada disseram a respeito, e lembraram que ele fora escolhido para aquela missão porque era necessário que o trabalho de organização das bases do Espiritismo fosse concentrado nas mãos de um só, para que houvesse unidade.

E acrescentaram:

“Foste escolhido, eis por que estás só; mas não és, como de resto sabes, o único capaz de cumprir essa missão; se ela fosse interrompida por uma causa qualquer, a Deus não faltariam pessoas para te substituir.

Assim, seja o que aconteça, o Espiritismo não pode periclitar.

Até que o trabalho de elaboração esteja terminado, é, pois, necessário que sejas o único em evidência, porque seria preciso uma bandeira ao redor da qual pudesse se unir; seria preciso que se te considerasse como indispensável, para que a obra, saída de tuas mãos, tenha mais autoridade no presente e no futuro; seria mesmo preciso que se concebesse medo pelas consequências de tua partida”.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O sucessor de Kardec.)

XIV – IMITAÇÃO DO EVANGELHO

NOTA — Eu a ninguém dera ciência do assunto do livro em que estava trabalhando. Conservar-lhe de tal modo em segredo o título, que o editor, Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão. Esse título foi, a princípio: Imitação do Evangelho. Mais tarde, por efeito de reiteradas observações do mesmo Sr. Didier e de algumas outras pessoas, mudei-o para o de O Evangelho segundo o Espiritismo. Assim, as reflexões contidas nas comunicações seguintes não podem ser tidas como fruto de idéias preconcebidas do médium.

Pergunta — Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta — Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explanas questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida tem que ser destruída; a terra e suas populações civilizadas estão prontas; já de há muito os teus amigos de além-túmulo as arrotearam; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra grave na ordem irradiante das esferas e que saia, afinal, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra e conta com a proteção do teu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado dos Espíritos que te são mais fiéis e em cujo número digna-te de me incluir sempre.

P. — Que dirá o clero?

R. — O clero gritará — heresia, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. Gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que com a publicação de O Livro dos Espíritos, cujos dados principais, a rigor, poderia aceitar. Agora, porém, tu entraste por um novo caminho, no qual não poderá ele acompanhar-te. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritos serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude dessa espécie de perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de Sol pela publicação mesma do teu novo livro e dos que se seguirão.

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz até ao presente, mas que é chegada a hora das dificuldades. Sim, caro Mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Tenho, porém, fé em ti, como tu tens fé em nós, e sei que a tua fé é das que transportam montanhas e fazem caminhar por sobre as águas. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular.

Paris, 14 de setembro de 1863

NOTA — Eu solicitara para mim uma comunicação sobre um assunto qualquer e pedira que ela me fosse enviada para o meu retiro de Sainte-Adresse.

“Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo, suspeitas. Nossa ação, principalmente a do Espírito de Verdade, é constante ao teu redor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. Tenho vivo interesse pelo teu trabalho, que é um passo considerável para a frente e abre, afinal, ao Espiritismo a estrada larga das aplicações proveitosas, a bem da sociedade. Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte. Continua, pois, sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará pronto na hora determinada.

“Já tratamos contigo das questões incidentes do momento, isto é, das questões religiosas. O Espírito de Verdade te falou das rebeliões que já se levantam na hora presente. São necessárias essas hostilidades para manter desperta a atenção dos homens, que tão facilmente se deixam desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa, incessantemente se juntarão combatentes novos, cujas palavras e escritos hão de causar sensação e levarão a perturbação e a confusão às fileiras dos adversários.

“Adeus, caro companheiro de antanho, discípulo fiel da verdade, que continua através da vida a obra a que outrora, diante do Espírito que te ama e a quem venero, juramos consagrar as nossas forças e as nossas existências, até que ela se achasse concluída. Saúdo-te.”

OBSERVAÇÃO — O plano da obra fora, de fato, completamente, modificado, o que, sem dúvida o médium não podia saber, pois que ele estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Tampouco podia saber que o Espírito de Verdade me falara da atitude de revolta do Bispo de Argélia e outros. Todas essas circunstâncias eram bem urdidadas para me comprovar que os Espíritos tomavam parte em meus trabalhos.

(Ver o APÊNDICE no final da obra, pp. 471 e seguintes. Nota da Editora — FEB — à 15a edição, em 1975.)

Paris, 30 de setembro de 1863

(Médium: Sr. d’A.)

185. Que disseram os Espíritos a respeito d’O Evangelho segundo o Espiritismo?

Kardec estava em Ségur em 9 de agosto de 1863 e a ninguém falara sobre o livro no qual estava trabalhando, cujo título inicial foi Imitação do Evangelho, alterado mais tarde, por sugestões do Sr. Didier e de outras pessoas, para O Evangelho segundo o Espiritismo.

A respeito da obra, um Espírito disse o seguinte: “Esse livro da doutrina terá uma influência considerável; nele abordas questões capitais, e não só o mundo religioso nele encontrará as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações nele haurirão excelentes instruções.

Fizeste bem em abordar questões de alta moral prática do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos.

A dúvida deve ser destruída; a Terra e as suas populações civilizadas estão preparadas; já faz bastante tempo que os teus amigos de além-túmulo a desbravaram; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra gravite na ordem irradiante das esferas, e que saia, enfim, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais”.

Kardec perguntou ao Espírito: Que dirá disso o clero? O protetor espiritual lhe respondeu:

“O clero clamará heresia, porque verá que nele atacas firmemente as penas eternas e outros pontos sobre os quais apoia a sua influência e o seu crédito; clamará tanto mais que se sentirá muito mais ferido do que pela publicação de O Livro dos Espíritos, do qual, a rigor, podia aceitar os princípios dados; mas, no presente, vais entrar num novo caminho onde ele não poderá te seguir.

O anátema secreto tornar-se-á oficial, e os Espíritas serão rejeitados junto aos Judeus e aos Pagãos pela Igreja romana.

Em compensação, os Espíritas verão seu número aumentar, em razão dessa espécie de perseguição, sobretudo vendo os padres acusarem de obra absolutamente demoníaca uma Doutrina cuja moralidade brilhará como um raio de Sol pela publicação mesma de teu novo livro, e daqueles que o seguirão.

Eis que a hora se aproxima em que será preciso declarar abertamente o Espiritismo por aquilo que ele é, e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; a hora se aproxima em que, diante do céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana.

Escolhendo-te, os Espíritos sabiam da solidez de tuas convicções, e que a tua fé, como uma muralha de bronze, resistiria a todos os ataques”.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O Evangelho segundo o Espiritismo.)

186. Alguma outra mensagem acerca do Evangelho foi recebida por Kardec?

Sim. Em setembro de 1863, estando em Sainte-Adresse, Kardec recebeu, vinda de Paris, esta comunicação:

“Quero muito te falar de Paris, embora a utilidade disso não me pareça demonstrada, tendo em vista que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir ao teu redor, e que o teu cérebro percebe as nossas inspirações com uma facilidade da qual tu mesmo não desconfias.

Nossa ação, sobretudo a do Espírito de Verdade, é constante ao teu redor, e tal que não podes recusá-la.

É por isso que não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra que tens, segundo os meus conselhos ocultos, tão largamente e tão completamente, modificado. Compreendes agora por que tínhamos necessidade de tê-lo sob a mão, livre de toda outra preocupação senão daquela da Doutrina.

Uma obra como a que elaboramos, juntos tem necessidade de recolhimento e de isolamento sagrado.

Sigo com um vivo interesse os progressos de teu trabalho, que são um passo considerável para a frente, e abrem, enfim, ao Espiritismo o largo caminho das aplicações úteis para o bem da sociedade.

Com essa obra, o edifício começa a se livrar de seus alicerces, e já se pode entrever a sua cúpula se desenhar no horizonte.

Continua, pois, sem impaciência, como sem cansaço; o monumento estará acabado na hora fixada.

Já nos entretivemos com questões incidentes do momento, quer dizer, com questões religiosas.

O Espírito de Verdade falou-te das revoltas que ocorrem nesta hora; essas hostilidades previstas são necessárias para manter desperta a atenção dos homens, tão fáceis em se deixar desviar de um assunto sério.

Aos soldados que combatem pela causa vão se juntar, incessantemente, novos combatentes, cujas palavras e cujos escritos farão sensação, e levarão a perturbação e a confusão às fileiras de nossos adversários.

Adeus, caro companheiro de outros tempos, discípulo fiel da verdade, que continua, através da vida, a obra à qual juramos outrora, nas mãos do grande Espírito que te ama e que te venera, consagrar as nossas forças e as nossas existências até que ela esteja acabada. Saudação a ti”.

Em nota aposta logo abaixo, Kardec confirma que o plano da obra fora, com efeito, completamente, modificado, o que, seguramente, o médium não poderia saber, uma vez que estava em Paris e ele em Sainte-Adresse; ele também não poderia saber que o Espírito de Verdade lhe havia falado a respeito da revolta do Bispo de Alger e outros.

Todas essas circunstâncias estavam bem, feitas para lhe confirmarem o papel que os Espíritos tomavam em seus trabalhos.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O Evangelho segundo o Espiritismo.)

XV – A IGREJA

Eis te de volta, meu amigo, e não perdeste o teu tempo. À obra ainda, pois não deves deixar se enferruje a tua bigorna. Forja, forja armas bem temperadas; repousa do trabalho feito, empreendendo trabalhos mais difíceis. Todos os elementos serão postos ao teu alcance, à medida que for necessário.

É chegada a hora em que a Igreja tem de prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira por que pratica os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que levou os espíritos. A hora é vinda em que ela tem de dar a César o que é de César e de assumir a responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou, e a reconheceu inapta, daqui por diante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Somente por meio de uma transformação absoluta lhe seria possível viver; mas, resignar-se-á ela a essa transformação? Não, pois que, então, já não seria a Igreja; para assimilar as verdades e as descobertas da Ciência, teria de renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos; para volver à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, teria de renunciar ao poder, à dominação, de trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade apostólica. Ela se acha nesta alternativa: ou se suicida, transformando-se; ou sucumbe nas garras do progresso, se permanecer estacionária.

Aliás, Roma já se mostra cheia de ansiedade e na Cidade Eterna se sabe, por inegáveis revelações, que a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado, porque na Itália se prepara rigorosamente o cisma. Não é, pois, de espantar o encarniçamento com que o clero se lança ao combate contra o Espiritismo, impelido pelo instinto de conservação. Ele, porém, já verificou que suas armas se embotam contra essa potência que surge; seus argumentos não têm podido resistir à lógica inflexível; só lhe resta o demônio, mísero auxiliar seu no século XIX.

Ao demais, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo. Ela é batida em toda a linha pelo progresso geral das idéias e sucumbirá sob os seus golpes, como tudo quanto sai fora do seu nível. A marcha rápida das coisas há de fazer-vos pressentir que o desenlace não demorará muito tempo. A própria Igreja parece compelida fatalmente a precipitá-lo.

Espírito de E.

Paris, 14 de outubro de 1863

(Médium: Sr. d'A.) (Sobre o futuro de diferentes publicações)

Obras Póstumas (32)

187. Sobre os momentos difíceis por que passava a Igreja, Kardec recebeu alguma comunicação específica?

Sim, logo que retornou a Paris, em 30 de setembro de 1863.

O autor espiritual da mensagem disse então que era chegada a hora em que a Igreja deveria prestar conta do depósito que lhe foi confiado, da maneira pela qual praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade ao qual conduziu os espíritos; era chegada a hora em que ela deveria dar a César o que é de César e incorrer na responsabilidade de todos os seus atos.

Deus a julgou, e a reconheceu imprópria, doravante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual.

Não seria senão por uma transformação absoluta que poderia viver; ela, porém, se resignará a essa transformação? Não, porque então não seria mais a Igreja.

Para se assimilar as verdades e as descobertas da ciência, seria necessário renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamento; para retornar à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, ser-lhe-ia necessário renunciar ao poder, à dominação, trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade, apostólicas.

Ela estava então entre duas opções: se ela se transformasse, se suicidaria; se permanecesse estacionária, sucumbiria sob a opressão do progresso.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – O Evangelho segundo o Espiritismo.)

XVI – VIDA DE JESUS, POR RENAN

Pergunta (a Erasto) — Que efeito produzirá a “Vida de Jesus”, de Renan?

Resposta — Enorme efeito. Grande será a repercussão no clero, porque esse livro derroca os próprios fundamentos do edifício em que ele se abriga há dezoito séculos. Não se trata de um livro irrepreensível, longe disso, porque reflete uma opinião exclusiva, que se circunscribe no círculo acanhado da vida material. Todavia, Renan não é materialista, mas pertence a essa escola que, se não nega o princípio espiritual, também não lhe atribui nenhum papel efetivo e direto no encaminhamento das coisas do mundo. Ele é desses cegos inteligentes que explicam a seu modo o que não podem ver; que, não compreendendo o mecanismo da visão a distância, imaginam que só tocando-a se pode conhecer uma coisa. Por isso é que reduziu o Cristo às proporções do mais vulgar dos homens, negando-lhe todas as faculdades que constituem atributos do Espírito livre e independente da matéria.

Entretanto, a par de erros capitais, sobretudo no que concerne à espiritualidade, o livro contém observações muito justas, que até aqui haviam escapado aos comentadores e que, de certo ponto de vista, lhe dão grande alcance. Seu autor se inclui nessa legião de Espíritos encarnados que se podem classificar como demolidores do velho mundo, tendo por missão nivelar o terreno sobre o qual se edificará um mundo novo mais racional. Quis Deus que um escritor, justamente conceituado entre os homens, do ponto de vista do talento, viesse projetar luz sobre algumas questões obscuras e eivadas de preconceitos seculares, a fim de predispor os Espíritos às novas crenças. Sem o suspeitar, Renan achou o caminho para o Espiritismo.

Paris, 30 de janeiro de 1866

(Grupo do Sr. Golovine; médium: Sr. L.)

Especial

XVI – Vida de Jesus, por Renan

467 – 29/05/2016

O Consolador – (Leonardo Marmo Moreira)

Ernest Renan e a relevância do legado à luz do pensamento Espírita

Ernest Renan foi contemporâneo de Kardec

A análise supracitada remete-nos, indiretamente, ao próprio Mestre Nazareno que dissera: “Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho”. Ou seja, ideias corretas em uma “amarracão” conceitual com propostas erradas tendem a gerar inúmeras inferências igualmente equivocadas. Também faz-nos lembrar de Erasto em “O Livro dos Médiuns” que ensinou ser “preferível rejeitar 10 verdades a aceitar uma única mentira, uma única doutrina falsa”. Portanto, a aceitação de ideias básicas deturpadas favorece a aceitação de ideias subsequentes também erradas, pois dá margem a um raciocínio ilógico (mesmo que, em alguns aspectos, possa ter aparência de lógico), o que pode ser facilmente identificado nos estudos sobre o silogismo aristotélico. Ou, por outro lado, a admissão de propostas claramente ilógicas favorece uma outra proposição muito comum em nossa sociedade de que, em matéria de questões religiosas, “tudo é ilógico”, gerando a famosa e irracional resposta “isso é um mistério” ou “são mistérios de Deus, e não adianta tentar entender”.

Tais tipos de conclusões limitam a troca séria e produtiva de ideias sobre as questões espirituais, favorecendo um tipo de separação absoluta entre religião e ciência, a qual, até certo ponto, resiste em nossa sociedade nos dias atuais, em que pese a contribuição decisiva do Espiritismo, verdadeira “aliança entre ciência e religião”.

Vejamos o que Kardec perguntou e o que Erasto, o responsável pela resposta, esclareceu (Obras Póstumas – tradução de João Teixeira de Paula e Introdução e Notas de J. Herculano Pires).

P. (A Erasto) Qual é o efeito que produzirá a “Vida de Jesus” de Renan?

R. Será imenso. Grande será o rumor no seio do clero, porque esse livro lança por terra os fundamentos do edifício, em que ele se abriga há dezoito séculos. O livro não é irrepreensível; ao contrário, oferece larga margem à crítica, por ser o reflexo de uma opinião exclusiva, que se circunscreve a um estreito círculo da vida material.

Renan não é materialista, mas pertence à escola, que não nega o princípio espiritual, mas não lhe atribui função efetiva e direta nas coisas do mundo. Ele é destes **cegos inteligentes** que explicam a seu modo o que não podem ver; que, não compreendendo o mecanismo da vista a distância, imaginam que se não pode conhecer uma coisa senão tocando-a. Por isso, reduziu ele o Cristo às proporções do homem mais vulgar, negando-lhe todas as faculdades, que são os atributos do Espírito livre e independente da matéria.

Entretanto, de par com erros capitais, principalmente no que toca à espiritualidade, aquele livro contém observações muito justas, que tinham até agora escapado aos comentadores e que lhe dão alto, relevo sob certos aspectos.

O autor pertence à legião dos Espíritos encarnados que podem ser chamados demolidores do velho mundo e cuja missão é nivelar o terreno, em que se edificará novo mundo mais racional. Quis Deus que um escritor de grande fama viesse, com o seu talento, lançar a luz sobre certas questões obscuras e envoltas em preconceitos seculares, a fim de predispor os Espíritos para as novas crenças. Sem querer, Renan aplainou os caminhos para o Espiritismo.

XVII – PRECURSORES DA TEMPESTADE

Permiti que um antigo dignitário da Táurida abençoe vossos dois filhos. Possam eles, sob a égide das respectivas mães, tornar-se inteligentes em tudo e ser para vós causa de reais satisfações! Desejo que sejam espíritos convictos, isto é, de tal modo se saturem da idéia de outras vidas, dos princípios de fraternidade, de caridade e de solidariedade, que os acontecimentos, que se precipitarão quando eles estiverem em idade de consciência e de razão, não os espantem, nem lhes enfraqueçam a confiança na justiça divina, em meio das provas por que tem a Humanidade de passar.

Por vezes, surpreende-vos o azedume com que os vossos adversários vos atacam. Segundo eles, sois loucos, alucinados, tomais a ficção pela realidade, ressuscitais o diabo e todos os erros da Idade Média.

Sabeis que responder a todos os ataques seria travar uma polémica sem resultado. O vosso silêncio prova a vossa força e, se não lhes derdes ocasião de retrucar, acabarão calando-se.

O imprevisto é o que mais podeis temer. Se se desse uma mudança de governo, no sentido do mais intolerante ultramontanismo, certamente seríeis perseguidos, escarnecidos, condenados, expatriados. Mas, os acontecimentos, mais fortes que as maquinações em surdina, preparam no horizonte político um temporal bastante violento e, quando a tempestade estalar, tratai de estar bem abrigados, de ser bem fortes e muito desinteressados. Haverá ruínas, invasões, delimitações de fronteiras e, desse naufrágio imenso, que virá da Europa, da Ásia, da América, somente escaparão, ficai sabendo, as almas temperadas, os espíritos esclarecidos, tudo o que for justiça, lealdade, honra, solidariedade.

São perfeitas as vossas sociedades, tais quais se acham organizadas? Tendes aos milhões os vossos, párias; a miséria enche incessantemente as vossas prisões, os vossos lupanares, e abastece os cadafalsos. A Alemanha assiste, como em todos os tempos, à emigração de seus habitantes às centenas de milhares, o que não faz honra aos seus governos; o Papa, príncipe temporal, espalha o erro pelo mundo, em vez do Espírito de Verdade, de que ele se constituiu o emblema artificial. Por toda parte a inveja. Vejo interesses que se combatem e nenhum esforço pelo erguimento do ignorante. Os governos, minados por princípios egoístas, pensam em fortificar-se contra a maré que sobe, maré que é a consciência humana, que afinal se insurge, após séculos de expectativa, contra a minoria que explora as forças vivas das nacionalidades.

Nacionalidades! Que a Rússia não encontre terrível escolho, um Cabo das Tormentas, nessa palavra. Bem ama do país, não esqueçam os teus homens de Estado que a grandeza de uma nação não consiste em ter fronteiras indefinidas, muitas províncias e poucas aldeias, algumas grandes cidades num oceano de ignorância, imensas planícies, desertas, estéreis, inclementes como a inveja, como tudo o que é falso e emite sons falsos. Pouco importa que o Sol não se esconda sobre as vossas conquistas, nem por isso haverá menos deserdados, menos ranger de dentes, todo um inferno ameaçador e de fauces escancaradas como a imensidade.

As nações, como os governos, têm o livre-arbítrio; como as simples individualidades, elas sabem dirigir-se pelo amor, pela união, pela concórdia. Entretanto, fornecerão à tempestade anunciada elementos elétricos apropriados a melhor as destruir e desagregar.

Inocente

Em vida, arcebispo da Táurida

Lyon, 30 de janeiro de 1866

(Grupo Villon; médium: Sr. G.)

189. Sabe-se que, pouco tempo depois da guerra que envolvia então França e Alemanha, surgiria um conflito de grandes proporções que conhecemos hoje pelo nome de 1ª Guerra Mundial. Kardec registrou comunicações sobre esse assunto?

Sim, e é provável que ele não tenha compreendido bem o que os Espíritos então diziam. Tal ocorreu em 30 de janeiro de 1866 numa mensagem recebida em Paris pelo grupo do Sr. Golovine.

A mensagem fala inicialmente sobre as perseguições que os espíritas sofreriam e diz que responder a esses ataques seria começar uma polêmica sem resultado.

“O vosso silêncio prova a vossa força, e, não lhes dando ocasião de resposta, acabarão por se calar”, disse o Espírito, que, no final, intitulou-se Innocent e fora em vida arcebispo em Táurida.

Na mensagem, ele fala também sobre possíveis mudanças na cúpula da Igreja e, por fim, alude à tempestade que se abateria sobre o planeta, quando então haveria ruínas, invasões, delimitações de fronteiras, que, a partir da Europa, abarcariam a Ásia e a América, tal como ocorreu, de fato, anos depois.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Precursores da tempestade.)

XVIII – A NOVA GERAÇÃO

A Terra freme de alegria; aproxima-se o dia do Senhor; todos os que entre nós estão à frente disputam porfiadamente por entrar na liça. Já o Espírito de algumas valorosas almas encarnadas agitam seus corpos até quase despedaçá-los. A carne interdita não sabe o que há de pensar, desconhecido fogo a devora. Elas serão libertadas, porque chegaram os tempos. Uma eternidade está a ponto de expirar, uma eternidade gloriosa vai despontar em breve e Deus conta seus filhos. O reinado do ouro cederá lugar a um reinado mais puro; o pensamento será dentro em pouco soberano e os Espíritos de escol, que hão vindo desde remotas eras iluminar os séculos em que viveram e servir de balizas aos séculos vindouros, encarnarão entre vós. Que digo? Muitos se acham encarnados. A sábia palavra deles será uma chama destruidora, que causará devastações irreparáveis no seio dos velhos abusos. Quantos prejuízos antigos vão desmoronar em bloco, quando o Espírito, como uma acha de duplo gume, vier decepá-los pelos fundamentos.

Sim, os pais do progresso do espírito humano deixaram, uns, as suas moradas riosas; outros, grandes trabalhos, em que a felicidade se junta ao prazer de instruir-se, para retomarem o bastão de peregrinos, que apenas haviam deposto no limiar do templo da Ciência, e daqui a pouco, dos quatro cantos do globo, os sábios oficiais ouvirão, apavorados, jovens imberbes a lhes retorquir, numa linguagem profunda, aos argumentos que eles julgavam irrefutáveis. O sorriso zombeteiro já não constituirá um escudo que valha e, sob pena de desmoralização, forçoso será responder. Então, o círculo vicioso em que se metem os mestres da vã filosofia mostrar-se-á completamente, porquanto os novos campeões levam consigo não só um facho, que é a inteligência desimpedida dos véus grosseiros, senão também muitos dentre eles gozarão desse estado particular, que é privilégio das grandes almas, como Jesus, e que dá o poder de curar e de operar essas maravilhas chamadas milagres. Diante dos fatos materiais, em que o Espírito se mostra tão superior à matéria, como negar os Espíritos? O materialismo será abatido em seus discursos por uma palavra mais eloquente do que a sua e pelo fato patente, positivo e averiguado por todos, visto que grandes e pequenos, novos Tomés, poderão tocar com o dedo.

O velho mundo carcomido estala por toda parte; o velho mundo acaba e com ele todos esses velhos dogmas, que só reluzem ainda pelo dourado que os cobre. Espíritos valorosos, cabe-vos a tarefa de raspar esse ouro falso. Para trás, vós que em vão quereis escorar o velho ídolo. Atingido de todos os lados, ele vai ruir e vos arrastará na sua queda.

Para trás, todos vós negadores do progresso; para trás, com as vossas crenças de uma época que se foi. Por que negais o progresso e vos esforçais por detê-lo? É que, desejando sobrepujar, sobrepujar ainda e sempre, condensastes o vosso pensamento em artigos de fé, clamando para a Humanidade: “Serás sempre criança e nós que temos a iluminação do alto, estamos destinados a conduzir-te.”

Mas, já tendes visto ficar-vos nas mãos as andadeiras da infância; e a criança salta diante de vós e ainda negais que ela possa caminhar sozinha! Será chicoteando-a com as andadeiras destinadas a sustentá-la que provareis a autoridade dos vossos argumentos? Não, e bem o sentis; mas, é tão agradável, a quem se diz infalível, crer que os outros ainda depositam fé nessa infalibilidade, em que nem vós mesmos acreditais!

Ah! Que de gemidos não se soltam no santuário! É aí que, prestando-se ouvido atento, se escutam os cochichos dolorosos. Que dizeis, então, pobres obstinados? Que a mão de Deus se abate sobre a sua Igreja? Que por toda parte a imprensa livre vos ataca e pulveriza os vossos argumentos? Onde estará o novo Crisóstomo, cuja potente palavra reduzirá a nada esse dilúvio de raciocinadores? Em vão o esperais; nada mais podem as vossas mais vigorosas e mais conceituadas penas. Elas se obstinam em agarrar-se ao passado que se vai, quando a nova geração, num impulso irresistível que a impele para a frente, exclama: Não, nada de passado; a nós o futuro; nova aurora se ergue e é para lá que tendem as nossas aspirações!

Avante! Diz ela; alargai a estrada, os irmãos nos seguem. Ide com a onda que nos arrasta; necessitamos do movimento, que é vida, ao passo que vós nos apresentais a imobilidade, que é a morte. Os vossos santos mártires absolutamente não estão mortos, para que lhes imobilizeis o presente. Eles entreviram a nossa época e se lançaram à morte como à estrada que havia de

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

conduzi-los lá. A cada época o seu gênio. Queremos lançar-nos à vida, porquanto os séculos vindouros, que divisamos, têm horror à morte.

Eis aí, meus amigos, o que os valorosos Espíritos que presentemente encarnam vão tornar compreensível. Este século não terminará sem que muitos destroços junquem o solo. A guerra mortífera e fratricida desaparecerá em breve diante da discussão; o espírito substituirá a força brutal. Depois que todas essas almas generosas houverem combatido, voltarão ao vosso mundo espiritual, para receberem a coroa do vencedor.

Aí está a meta, meus amigos. Por demais aguerridos são os campeões, para que seja duvidoso o êxito. Deus escolheu a nata dos seus combatentes e a vitória é alcançada para a Humanidade.

Rejubilai-vos, pois, todos vós que aspirais à felicidade e que desejais participem dela os vossos irmãos, como vós mesmos: o dia chegou! A Terra trepida de alegria, porquanto vai assistir ao começo do reinado da paz que o Cristo, o divino Mestre, prometeu, reinado cujos fundamentos ele desceu a assentar.

Um Espírito

Paris, 23 de abril de 1866

(Comunicação particular; médium: Sr. D.)

1185. A nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Aos homens progressistas se deparará nas ideias espíritas poderosa alavanca e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, que poderão fazer os que entendam de opor-se lhe?

1186. O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto, do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se viera mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis; houvera inevitavelmente sucumbido, porque, satisfeitos com o que tinham, os homens ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, encontra preparado o terreno para recebê-lo.

1187. Grande, por certo, é ainda o número dos retardatários; mas que podem eles contra a onda que se alteia, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles se somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos.

1188. **A geração nova** – Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em povos terrestres ainda atrasados, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Substituí-los ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

1189. A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornará a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

1190. Muito menos, pois, se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas, quando declarava: «Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido». Assim decepcionados ficarão os que esperam ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

XIX – INSTRUÇÕES PARA A SAÚDE DO Sr. ALLAN KARDEC

Enfraquecendo-se diariamente a saúde do Sr. Allan Kardec, em consequência de trabalhos excessivos, superiores às suas forças, vejo-me na necessidade de repetir, novamente, o que já lhe dissera tantas vezes:

“Precisas de repouso; as forças humanas têm limites que o desejo de que o ensino progrida te leva muitas vezes a ultrapassar. Estás errado, porquanto, procedendo assim, não apressarás a marcha da Doutrina, mas arruinarás a tua saúde e te colocarás na impossibilidade material de acabar a tarefa que vieste desempenhar neste mundo. A tua enfermidade atual não é mais do que resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, sem dar tempo a que se efetue a reparação necessária, e a um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Sem dúvida, nós te sustentamos, porém sob a condição de que não desfaças o que fizemos. De que serve correr? Não te dissemos já muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das idéias sabem fazer que surjam circunstâncias favoráveis, em soando o momento de agir?”

Quando se faz preciso que todo espírita concentre suas forças para a luta, pensas que seja do teu dever esgotar as tuas? Não. Em tudo tens que dar o exemplo e teu lugar é na estacada, no momento do perigo. Que farias lá, se, por enfraquecimento, o teu corpo não mais permitisse que teu espírito se utilizasse das armas que a experiência e a revelação te puseram nas mãos? — Ouve-me: deixa para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a que está esboçada nas tuas primeiras publicações; teus trabalhos ordinários e algumas pequenas brochuras de urgência bastam para te absorver o tempo e devem constituir os únicos objetos das tuas preocupações atuais.

Não te falo apenas em meu nome; sou aqui o delegado de todos os Espíritos que tão poderosamente têm contribuído para a propagação do ensino, mediante suas sábias instruções. Eles te dizem, por meu intermédio, que esse atraso, que consideras prejudicial ao futuro da doutrina, é uma medida necessária, de mais de um ponto de vista, quer porque certas questões ainda não se acham completamente elucidadas, quer para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É necessário que outros tenham limpado o terreno, que se ache provada a insustentabilidade de certas teorias e que maior vácuo se haja produzido. Numa palavra: o momento não é oportuno; poupa-te, portanto; quando for tempo, indispensável te será todo o vigor de corpo e de espírito. Até aqui, o Espiritismo foi alvo de muitas diatribes, levantou muitas tempestades. Julgas, porém, que toda essa agitação esteja abrandada, que todos os ódios se tenham acalmado e tornado impotentes? Desilude-te, o cadinho depurador ainda não expeliu todas as impurezas; o porvir lhe reserva outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas e difíceis de suportar.

Sei que a tua situação particular te impõe uma imensidade de trabalhos secundários que te consomem a maior parte do tempo. Os pedidos de toda espécie chovem sobre ti e tu te julgas no dever de atendê-los quanto possível. Farei aqui o que não ousarias fazer por ti próprio: dirigindo-me à generalidade dos espíritas, pedir-lhes-ei, no interesse mesmo do Espiritismo, que te evitem toda sobrecarga de trabalho, capaz de consumir instantes que debes consagrar quase exclusivamente à terminação da obra. Se a tua correspondência algo sofrer com isso, em compensação o ensino ganhará.

Às vezes, necessário se torna sacrificar as satisfações individuais ao interesse geral. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A volumosa, correspondência que recebes é para ti um precioso acervo de documentos e informações; ela te esclarece sobre a verdadeira marcha e os progressos reais da Doutrina; é um termômetro imparcial; proporciona-te, além disso, satisfações morais que por mais de uma vez te têm sustentado a coragem, mostrando-te a adesão que encontram tuas idéias, em todos os pontos do globo. Sob esse aspecto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de te auxiliar os trabalhos e não de os embaraçar, criando-te um acréscimo de ocupações.”

Dr. Demeure

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

Bom Dr. Demeure, agradeço os seus ponderados conselhos. Graças à resolução que tomei de enviar, salvo casos excepcionais, a correspondência habitual a um substituto, ela agora sofre menos e no futuro nada sofrerá; mas, que hei de fazer da que se acha acumulada, mais de quinhentas cartas, a qual, a despeito de toda a minha boa vontade, não posso chegar a pôr em dia?

Resposta — É preciso, como se diz em linguagem comercial, lançá-las em bloco à conta de lucros e perdas. Noticiando esta providência pela Revista, os teus correspondentes saberão o que fazer; compreender-lhe-ão a necessidade e a considerarão justificada pelos conselhos que acabamos de dar. Repito, seria impossível que as coisas continuassem como têm ido. Tudo com isso sofreria: a tua saúde e a Doutrina. Convém, quando necessário, saber fazer os sacrifícios indispensáveis. Tranquilizado, doravante, sobre este ponto, poderás entregar-te mais livremente aos teus trabalhos ordinários. Eis o que te aconselha aquele que será sempre teu amigo dedicado.

Demeure

Cedendo a tão sábio conselho, pedimos àqueles dos nossos correspondentes com os quais estávamos desde longo tempo em atraso, que aceitassem as nossas escusas e a manifestação do nosso pesar, por não termos podido responder pormenorizadamente, como desejáramos, às suas atenciosas cartas e que se dignassem de receber, coletivamente, a expressão dos nossos sentimentos fraternais.

Paris, 25 de abril de 1866

(Resumo das comunicações dadas pelas Sras. M... e T... em estado sonambúlico)

193. A saúde do Codificador preocupava seus amigos espirituais?

Sim, como mostra uma comunicação particular recebida no dia 23 de abril de 1866 em Paris, assinada pelo Dr. Demeure, que insistia para que Kardec observasse a necessidade de repouso e evitasse os excessos no trabalho.

Prosseguindo assim, ele arruinaria sua saúde, impossibilitando a conclusão da tarefa para a qual veio ao mundo. “A vossa enfermidade atual – disse Demeure – não é senão o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais que não deixa, à reparação, o tempo de se fazer, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso.

Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas com a condição de que não desfaça o que nós fazemos. De que serve correr?

Não vos foi dito muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo, e que os Espíritos encarregados do movimento das ideias saberiam fazer surgir as circunstâncias favoráveis quando o momento de agir chegasse?”

Kardec aceitou em parte o conselho e pediu desculpas aos correspondentes e leitores por não ter podido responder com detalhes, como desejava, às suas cartas.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Instruções para a saúde de Allan Kardec.)

XX – REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

Precipitam-se com rapidez os acontecimentos, pelo que já não vos dizemos, como outrora: “Aproximam-se os tempos.” Agora, dizemos: “Os tempos são chegados.” Não suponhais que as nossas palavras se referem a um novo dilúvio, nem a um cataclismo, nem a um revolvimento geral. Revoluções parciais do globo se hão produzido em todas as épocas e ainda se produzem, porque decorrem da sua constituição, mas não representam os sinais dos tempos.

Entretanto, tudo o que está predito no Evangelho tem de cumprir-se e neste momento se cumpre, conforme o reconheceréis mais tarde. Não tomeis, porém, os sinais anunciados, senão como figuras, que precisam ser compreendidas segundo o espírito e não segundo a letra. Todas as Escrituras encerram grandes verdades sob o véu da alegoria e, por se terem apegado à letra, é que os comentadores se transviaram. Faltou-lhes a chave para lhes compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vem revelar. Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras.

Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto nenhum vereis, e os que vós anunciarem estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis.

Não sentis que um como vento sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que presa de um vago pressentimento de que a tempestade se aproxima.

Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que progredir e não que ser destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

O que se prepara não é, pois, o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo alguns destroços. Tudo dele acabará com a geração que se vai e a geração nova erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra se mudará um dia em mundo ditoso e habitá-lo será uma recompensa, em vez de ser uma punição. O reinado do bem sucederá ao reinado do mal.

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso se faz que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que unicamente ao bem aspirem. Como já chegou esse tempo, uma grande emigração neste momento se opera entre os que a habitam. Os que praticam o mal pelo mal, alheios ao sentimento do bem, dela se verão excluídos, porque lhe acarretariam novamente perturbações e confusões que constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que adquiriram, tendo por missão fazê-los adiantar-se. Substituí-los ão na Terra Espíritos melhores que farão reinem entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemo-lo, não será transformada por um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas. Tudo, pois, exteriormente, se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos Espíritos que nela encarnam não mais encarnarão. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal, do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, desapontados ficarão os que contem que a transformação resulte de efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermédio, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e modos de ver inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo pelas disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir à qual das duas pertence cada indivíduo.

Tendo de fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão, em geral, precoces, juntas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá tão-só de Espíritos eminentemente superiores, mas de Espíritos que, já tendo progredido, estão predispostos a assimilar as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, primeiramente, a revolta contra Deus, pela negação da Providência e de qualquer poder acima da Humanidade; depois, pela propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos anti-fraternais do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância de apego a tudo o que é material.

Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que recalcitram em emendar-se, visto que são incompatíveis com o reino da fraternidade e os homens de bem sofreriam sempre com o contacto dessas criaturas. Livre deles a Terra, os outros caminharão desembaraçadamente para o futuro melhor, que lhes está reservado neste mundo, em recompensa de seus esforços e da sua perseverança, enquanto uma depuração ainda mais completa não lhes abre o pórtico dos mundos superiores.

Com referência a essa emigração de Espíritos, ninguém pretenda que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí hão de voltar, porque muitos cederão ao império das circunstâncias e do exemplo; neles, a casca está mais estragada do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa da que as viam quando vivos, conforme os numerosos casos que já tendes apreciado. Para isso, terão a ajudá-los os Espíritos bons, que por eles se interessam e que se esforçam por esclarecê-los e por lhes mostrar que errado era o caminho que trilhavam. Pelas vossas preces e exortações, podeis contribuir muito para que se melhorem, porque há perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos.

Aqueles, conseguintemente, poderão voltar e se sentirão felizes, porque isso lhes será uma recompensa. Que importa o que tenham sido e feito, se animados de melhores sentimentos se encontram? Longe de se mostrarem hostis à sociedade, serão seus auxiliares úteis, porquanto pertencerão à geração nova.

Não haverá, pois, exclusão definitiva, senão dos Espíritos substancialmente rebeldes, daqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornaram surdos aos apelos do bem e da razão. Esses mesmos, porém, não estarão votados a perene inferioridade. Dia virá em que repudiarão o passado e abrirão os olhos para a luz.

Assim, orai por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto ainda é tempo, visto que se aproxima o dia da expiação.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá na sua cegueira e a resistência que virá a opor mascarará, por meio de terríveis lutas, o fim do reinado dos que a constituem. Desvairados, correrão à sua própria perda; provocarão destruições que darão origem a um sem-número de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era de renovação.

E, como se não se operasse com bastante rapidez a destruição, os suicídios se multiplicarão em proporções inauditas, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido tão grande quantidade de homens que, antes mesmo de morrerem, estarão riscados do número dos vivos. São esses os verdadeiros sinais dos tempos e tudo isso se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, como já o dissemos, sem que haja a mais ligeira derrogação das leis da Natureza.

Contudo, através da escura nuvem que vos envolve e em cujo seio ronca a tempestade, já podeis ver despontando os primeiros raios da era nova. A fraternidade lança seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos estendem uns aos outros as mãos; a barbárie se familiariza no contacto com a civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que causaram o derramamento de ondas de sangue, se vão extinguindo; o fanatismo, a intolerância perdem terreno, ao passo

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda parte fermentam as idéias; percebe-se o mal e experimentam-se remédios para debelá-lo, mas muitos caminham sem bússola e se perdem em utopias. O mundo se acha empenhado num imenso trabalho de gestação que já dura há um século; nesse trabalho, ainda confuso, nota-se, todavia, que predomina a tendência para determinado fim: o da unidade e da uniformidade, que predis põem à confraternização.

Também aí tendes sinais dos tempos. Mas, enquanto que os outros são os das agonias do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o próximo século verá despontar, pois que então a geração nova estará em toda a sua pujança. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do décimo oitavo, sob certos pontos de vista, quanto a do vigésimo diferirá da do século dezenove, sob outros pontos de vista.

A fé inata será um dos caracteres distintivos da nova geração, não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e confunde num sentimento comum de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é a senda que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que se opõem a essa renovação: a incredulidade e o fanatismo; porque faculta uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem aos modos de ver da nova geração, pelo que, no coração dos representantes desta, ele se achará inato e em estado de intuição. Assim, pois, a era nova vê-lo a engrandecer-se e prosperar pela força mesma das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas, daqui até lá, que de lutas terá ainda de sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que — coisa singular! — se dão as mãos para abatê-lo. É que os dois lhe pressentem o futuro e, em consequência, a ruína de ambos. Essa a razão por que o temem; já o veem erguendo, sobre os destroços do velho mundo egoísta, a bandeira em torno da qual se reunirão todos os povos. Na divina máxima: Fora da caridade não há salvação, eles leem a sua própria condenação, porquanto essa máxima é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo. Ela se lhes apresenta como as palavras fatais do festim de Baltazar. Entretanto, deveriam bendizer essa máxima, porquanto os defende de todas as represálias da parte dos que os perseguem. Tal, porém, não se dá: uma força cega os impele a rejeitar a única coisa capaz de salvá-los.

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, ficai certos, porquanto ele está nas leis da Natureza, não podendo, por isso mesmo, perecer. Observai a multiplicidade de meios por que a idéia se espalha e penetra em toda parte; crede que esses meios não são fortuitos, mas providenciais. O que, à primeira vista, devera ser-lhe prejudicial é exatamente o que lhe auxilia a propagação.

Dentro em breve, surgirão campeões que em voz alta se proclamarão tais, entre os de maior consideração e mais acreditados, os quais, com a autoridade de seus nomes e de seus exemplos o apoiarão, impondo silêncio aos que o detratem, pois ninguém ousará tratá-los de loucos. Esses homens o estudam em silêncio e aparecerão quando for chegado o momento oportuno. Até lá, bom é se conservem afastados.

Dentro em pouco, também vereis as artes se acercarem dele, como de uma mina riquíssima, e traduzirem os pensamentos e os horizontes que ele patenteia, por meio da pintura, da música, da poesia e da literatura. Já se vos disse que haverá um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã. É uma grande verdade, pois os maiores gênios se inspirarão nele. Em breve, vereis os primeiros esboços da arte espírita, que mais tarde ocupará o lugar que lhe compete.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e devotados. Não vos assustem os obstáculos, porquanto nenhum há que possa embaraçar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus o ter-vos colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos solicitastes e do qual é preciso vos mostreis dignos pela vossa coragem, pela vossa perseverança e pelo vosso devotamento. Felizes dos que sucumbirem nessa luta contra a força; a vergonha, ao contrário, esperará, no mundo dos Espíritos, os que

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contacto com o mal faz que melhor se apreciem as vantagens do bem. Sem as lutas, que estimulam as faculdades, o Espírito se entregaria a uma despreocupação funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Paris, 27 de abril de 1866

(Em casa do Sr. Leymarie; médium: Sr. L.)

191. Sabe-se que foram inúmeras as comunicações recebidas pertinentes ao tema regeneração da Humanidade. Em resumo, que é que elas disseram?

No dia 25 de abril de 1866, em Paris, foram recebidas várias comunicações nesse sentido por intermédio dos médiuns M. e T., em estado sonambúlico.

Eis um resumo do conteúdo dessas mensagens:

Os acontecimentos se precipitam com rapidez; não dizemos mais, como outrora:

“Os tempos estão próximos”, mas “Os tempos são chegados”.

Por estas palavras não devemos entender um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem um transtorno geral.

Convulsões parciais do globo ocorrem em todas as épocas, e se produzem ainda, porque se ligam à sua constituição, mas esses não são os sinais dos tempos.

No entanto, tudo o que está predito no Evangelho deve cumprir-se e se cumpre neste momento, assim como o veremos mais tarde; mas não tomemos os sinais anunciados senão como figuras, das quais é preciso apreender o espírito e não a letra.

Todas as Escrituras encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e é porque os comentaristas se ligaram à letra que se extraviaram.

Faltou-lhes a chave para delas compreenderem o verdadeiro sentido.

Essa chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo veio revelar-nos.

Doravante, com a ajuda desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão nunca invertidas. Não veremos, pois, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido vulgar ligado a essas palavras.

Não olhemos para o céu para nele procurar os sinais precursores, porque nele nada veremos, e aqueles que o anunciaram nos enganaram; mas olhemos ao redor de nós, entre os homens. Será aí que os encontraremos.

Não devemos crer, no entanto, no fim do mundo material.

A Terra progrediu desde a sua transformação e deve progredir ainda, não ser destruída. Mas a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação em que a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral: é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que desaba.

Tudo acabará para ele com a geração que dele se vai, e a geração nova elevará o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está chamada a se tornar, um dia, um mundo feliz, e sua habitação será uma recompensa, em lugar de ser uma punição.

O reino do bem deve nela suceder ao reino do mal. Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela não seja povoada senão por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem.

Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se cumprirá, nesse momento, entre aqueles que a habitam.

Aqueles que fazem o mal pelo mal, que o sentimento do bem não toca, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque a ela levariam, de novo, a perturbação e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, para onde levarão seus conhecimentos adquiridos e aos quais terão por missão fazer avançar. Serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar em nosso globo a justiça, a paz e a fraternidade.

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

A Terra, como já foi dito, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração.

A geração atual desaparecerá, gradualmente, e a nova lhe sucederá igualmente sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.

Tudo se passará, pois, exteriormente, como de hábito, com esta única diferença, mas essa diferença é capital, de que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam nela não se encarnarão mais.

Numa criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal, que nela estaria, encarnando, haverá um Espírito mais avançado e inclinado ao bem.

Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corporal do que de uma nova geração de Espíritos.

Assim, aqueles que esperam ver as transformações se operarem por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados.

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem.

Colocados no ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma se assinala já no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações, que sucedem uma à outra, têm ideias e objetivos muito opostos.

Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo pelas disposições intuitivas e inatas, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era de progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior.

Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

Por essa migração de Espíritos, não é preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra, e relegados para mundos inferiores.

Muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; a casca neles era pior do que o fundo.

Uma vez subtraídos à influência da matéria, e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá a coisa de maneira toda diferente do que quando vivos, assim como tendes disso numerosos exemplos.

Nisso são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles, e que se apressam em esclarecê-los e mostrar-lhes o falso caminho que seguiram.

Não haverá, pois, exclusão definitiva senão para os Espíritos essencialmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornaram surdos à voz do bem e da razão. Mas aqueles mesmos não estão votados a uma inferioridade perpétua, e um dia virá em que repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – A nova geração e a regeneração da Humanidade.)

XXI – MARCHA PROGRESSIVA DO ESPIRITISMO DISSIDÊNCIAS E PERTURBAÇÕES

Caros discípulos, o que é verdade tem que ser; nada pode opor-se à irradiação de uma verdade; às vezes, podem encobri-la, torturá-la e fazer com ela o que fazem os teredens nos diques holandeses; mas, uma verdade não assenta sobre estacarias: ela percorre o espaço; está no ar ambiente e, se foi possível cegarem uma geração, há sempre novas encarnações, há recrutas da erraticidade que trazem germens fecundos, e outros elementos, e que sabem atrair a si todas as grandes coisas desconhecidas.

Não vos apresseis, amigos. Muitos dentre vós desejariam ir a vapor e, nestes tempos de eletricidade, correr tanto quanto esta. Esquecidos das leis da Natureza, queriam andar mais depressa do que o tempo. Refleti, porém, e vereis quão sábio é Deus em tudo. Os elementos que constituem o vosso planeta sofreram longa e laboriosa elaboração; antes que pudésseis existir, foi preciso que tudo se constituísse de acordo com a aptidão dos vossos órgãos. A matéria, os minerais, fundidos e refundidos, os gases, os vegetais, pouco a pouco se harmonizaram e condensaram, a fim de permitirem que surgísseis na Terra. É a eterna lei do trabalho, que nunca cessou de reger os seres inorgânicos, como os seres inteligentes.

O Espiritismo não pode fugir a essa lei, à lei da elaboração. Plantado num solo ingrato, forçoso é que o cerquem as ervas más e os maus frutos. Mas, também, todos os dias o terreno é desbravado, os maus ramos são arrancados ou cortados; o campo se destorroa insensivelmente e, quando o viajante, fatigado das lutas da vida, encontrar a fartura e a paz à sombra de um fresco oásis, se dessedentará e enxugará o suor, nesse reino lenta e sabiamente preparado. Aí o rei é Deus, o dispensador generoso, o igualitário judicioso, que bem sabe ser doloroso, mas fecundo, o trajeto que o viajor seguirá; penoso, mas necessário. O Espírito formado na escola do trabalho dela sai mais forte e mais apto para as grandes coisas. Aos que desfalecem, ele diz: coragem e, como suprema esperança, lhes deixa entrever, mesmo aos mais ingratos, um ponto de chegada, ponto salutar, caminho assinalado pelas reencarnações.

Ride das declamações vãs; deixai que falem os dissidentes, que berrem os que não podem consolar-se de não serem os primeiros; todo esse arruído não impedirá que o Espiritismo prossiga imperturbavelmente o seu caminho. Ele é uma verdade e, qual rio, toda verdade tem que seguir seu curso.

16 de agosto de 1867

(Sociedade de Paris; médium: Sr. M. em estado sonambúlico)

Conceito de evolução e de estado de natureza

O estado de natureza é a infância da Humanidade

1. O homem desenvolve sua caminhada evolutiva a partir de um estado primitivo ou estado de natureza. O estado de natureza, ensina a Doutrina Espírita, é o estado de infância da Humanidade, o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral.

2. Sendo perfectível e trazendo em si o gérmen do seu aperfeiçoamento, o Espírito não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não foi criado para viver eternamente na infância. Aquele estado é transitório, e os Espíritos dele saem em virtude do progresso e da civilização.

3. É preciso, portanto, que o ser humano se desenvolva intelectual e moralmente, e é através da lei do progresso que se regula a evolução de todos os seres e de todos os mundos que giram no Universo.

4. O Espírito, contudo, só se depura com o tempo, pelas experiências adquiridas que as vidas sucessivas lhe facultam. Tendo de progredir incessantemente, ele não pode volver ao estado de infância. É Deus que assim o quer. Pensar que possamos retrogradar à nossa primitiva condição equivaleria a negar a lei do progresso.

A marcha dos Espíritos é progressiva

5. No estado de natureza o homem tem menos necessidades, sua vida é mais simples e menores são suas atribulações, pois se atém mais à sobrevivência e às necessidades fisiológicas. Há, porém, em todas as pessoas uma surda aspiração, uma energia íntima misteriosa que as encaminha para as alturas e as faz tender para destinos cada vez mais elevados, impelindo-as para o Belo e para o Bem.

6. É a lei do progresso, a evolução eterna, que guia a Humanidade através das idades e aguilhoa cada um de nós, visto que a Humanidade são as próprias almas que, de século em século, voltam à cena física para, com auxílio de novos corpos, preparar-se para mundos melhores em sua obra evolutiva.

7. A lei do progresso não se aplica apenas ao homem; abarca todos os reinos da Natureza, como já foi reconhecido por diversos pensadores. Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; no homem, acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente.

8. A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrógrada. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que ascenderam. Podem, em suas diferentes existências corpóreas, descer como homens, não como Espíritos.

O objetivo da evolução não é a felicidade terrestre

9. As reencarnações constituem uma necessidade inelutável para que se faça o progresso espiritual. Cada existência corpórea não comporta mais do que uma parcela de esforços determinados, após o que a alma se encontra exausta.

10. A morte representa um repouso, um intervalo, uma etapa na longa rota da eternidade, antes que nova encarnação se apresente para o Espírito, a valer como rejuvenescimento para o ser em marcha.

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

11. Paixões antigas, ignomínias, remorsos desaparecem, e o esquecimento cria um novo ser, que se atira cheio de ardor e entusiasmo no percurso da nova estrada.

12. Cada esforço redundando num progresso, e cada progresso num poder sempre maior, pois as aquisições sucessivas vão alteando a alma nos inumeráveis degraus da perfeição. O objetivo da evolução, a razão de ser da vida, não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente creem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, o que só realizaremos por meio do trabalho, do esforço e de todas as alternativas de alegrias e de dor, até que nos tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste.

Somos os construtores do nosso próprio destino

13. Somos, assim, o árbitro soberano de nossos próprios destinos. Cada experiência reencarnatória condiciona a que lhe sucede e, malgrado a lentidão da marcha ascendente, eis-nos a gravitar incessantemente para alturas radiosas onde sentimos palpitar corações fraternais e entramos em comunhão sempre mais e mais íntima com a Potência Divina.

14. Os que ignoram tais verdades e nada fazem por melhorar-se chegam ao mundo espiritual na condição de Joaquim Sucupira, que abandonou o corpo aos sessenta anos, após viver arredado do mundo, no conforto precioso que herdara dos pais. Na Terra – refere Irmão X – Sucupira falara pouco, andara menos, agira nunca.

15. Na pátria espiritual, embora pudesse locomover-se, havia perdido o movimento dos braços e das mãos. Um instrutor, ao examinar seu caso e ouvir suas queixas, disse-lhe com toda a franqueza: “Seu caso explica-se: você tem as mãos enferrujadas”.

16. E ante a careta do interlocutor amargurado, aditou: “É o talento não usado, meu amigo. Seu remédio é regressar à lição. Repita o curso terrestre”. “O que você precisa, Joaquim, é de movimento.”

XXII – PUBLICAÇÕES ESPÍRITAS

NOTA — O Sr. L. acabava de anunciar que se propunha a fazer obras espíritas para vendê-las a preços fabulosamente reduzidos. Foi a esse respeito que o Sr. Morin disse o que segue, em sono sonambúlico:

“Os espíritas já são hoje numerosos, mas muitos ainda não compreendem o alcance eminentemente moralizador e emancipador do Espiritismo. O núcleo que sempre seguiu a boa estrada continua a sua marcha lenta, mas segura; afasta-se de todos os propósitos preconcebidos e pouco se ocupa com os que vão ficando pelo caminho.

Infelizmente, mesmo entre os que formam esse núcleo fiel, há os que tudo acham magnífico, assim da parte dos outros, como da deles próprios e, facilmente, benevolmente, se deixam levar pelas aparências e vão tolamente prender-se no visco de seus inimigos, de uma personalidade que diz despojar-se, dar seu sangue, seus bens, sua inteligência pelo triunfo completo da idéia. Pois bem! relede a comunicação (comunicação que L., acabava de escrever) e vereis que, da parte de certos indivíduos, tais sacrifícios não podem ser feitos sem segundas intenções.

Importa desconfiar das dedicações e das generosidades de ostentação, como da veracidade de pessoas que dizem não mentir nunca.

Pretender dar uma coisa a preços impossíveis, sem prejuízo, é ocultar especulação. Fazer ainda mais: dar, de graça a título de excesso de zelo, a título de brinde, todos os elementos de uma doutrina sublime é o cúmulo da hipocrisia. Espíritas, tomai cuidado!”

16 de agosto de 1867

(Sociedade de Paris; médium: Sr. D.)

ACONTECIMENTOS

A sociedade em geral, ou, a bem, dizer, a reunião de seres, tanto encarnados como desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, numa palavra — a Humanidade —, mais não é que uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde o nascimento até a mais avançada idade. Do mesmo modo que o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado de certas perturbações físicas e intelectuais, peculiares, particularmente, a determinados períodos da vida, também a Humanidade tem suas crises de crescimento, seus transtornos morais e intelectuais. Atravessais uma dessas grandes épocas, que encerram um período e dão começo a outro. Participando simultaneamente das coisas do passado e das do futuro, dos sistemas que ruem e das verdades que se fundam, tende o cuidado, meus amigos, de colocar-vos do lado da solidez, da progressividade e da lógica, se não quiserdes ser arrastados ao sabor das ondas; tende o de abandonar palácios suntuosos na aparência, mas vacilantes em suas bases e que não tardarão a sepultar nas suas ruínas os infelizes que insensatamente não quiserem deles sair, a despeito dos avisos de toda sorte que lhes são prodigalizados.

Todas as, frentes se anuviam e a calma aparente de que gozais apenas serve para acumular maior quantidade de elementos destruidores.

Algumas vezes, antes da tempestade que destrói os frutos dos suores de um ano, surgem precursores que permitem se tomem as precauções necessárias a evitar, tanto quanto possível, as devastações. Desta vez, assim não será. Parecerá que o céu, depois de estar sombreado, se aclara; as nuvens fugirão; em seguida, de súbito, todos os furores, por longo tempo comprimidos, se desencadearão com inaudita violência.

Ai dos que não hajam preparado para si um abrigo! Ai dos fanfarrões que forem ao encontro do perigo com o braço desarmado e o peito descoberto! Ai dos que afrontarem o perigo empunhando a taça! Que terrível decepção os espera! A taça que empunham não lhes chegará aos lábios, antes que eles sejam atingidos!

À obra, pois, espíritas, e não esqueçais que todos deveis ter prudência e previdência. Tendes um escudo, sabeis servir-vos dele. Tendes uma âncora de salvação, não a desprezeis.

Ségur, 9 de setembro de 1867

(Sessão íntima; médium: Sr. D.)

194. A questão dos preços dos livros já era discutida em 1867. Que é que os Espíritos diziam, então, a respeito do assunto?

Em 16 de agosto de 1867, na Sociedade Espírita de Paris, o Sr. L. acabava de anunciar que se propunha a mandar fazer obras espíritas que venderia a preços fabulosamente reduzidos, quando o Sr. Morin, em estado sonambúlico, transmitiu a mensagem que adiante resumimos.

Os espíritas são numerosos hoje, mas muitos não compreendem ainda a importância eminentemente moralizadora e emancipadora do Espiritismo.

O núcleo que sempre seguiu o bom caminho continua a sua caminhada, lenta mas segura; afasta-se de todos os partidários, e se ocupa daqueles que deixa no caminho.

Infelizmente, mesmo entre os membros que formam o núcleo fiel, há os que veem tudo belo nos outros como neles, e, fácil e benevolentemente, se deixam prender pelas aparências e vão tolamente se ligar ao engodo de seus inimigos, de uma personalidade que dizem se despojar, dar seu sangue, seu bem, sua inteligência para o triunfo da ideia. Pois bem! É necessário desconfiar dos devotamentos e das generosidades sem utilidade, como da veracidade das pessoas que dizem não mentir jamais.

Pretender dar uma coisa a preços impossíveis, sem nisso perder, é uma astúcia de profissão; fazer mais ainda: dar por nada, supostamente pelo excesso de zelo a título de prêmio, todos os elementos de uma doutrina sublime, é o sublime da hipocrisia.

No final o Espírito escreveu esta frase que diz tudo:

“Espíritas, guardai-vos!”

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Publicações espíritas.)

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

XXIII – MINHA NOVA OBRA A GÊNESE

(Comunicação espontânea)

Primeiro, duas palavras com relação à obra em preparo. Como já o temos dito muitas vezes, urge pô-la em execução sem demora e apressar-lhe quanto possível a publicação. É preciso que a primeira impressão já se tenha produzido nos espíritos, quando estalar o conflito europeu. Se ela tardasse, os acontecimentos brutais poderiam desviar das obras puramente filosóficas a atenção geral; e como essa obra se destina a desempenhar um papel na elaboração em curso, necessário se torna não deixe de ser apresentada em tempo oportuno. Entretanto, não conviria, por isso, restringir-lhe os desenvolvimentos. Dá-lhe toda a amplitude desejável; cada uma das suas menores, partes tem peso na balança da ação e, numa época tão decisiva como esta, nada se deve desprezar, quer na ordem material, quer na ordem moral.

Pessoalmente, estou satisfeito com o trabalho, mas a minha opinião pouco vale, a par da satisfação daqueles a quem ela transformará. O que, sobretudo, me alegra são as consequências que produzirá sobre as massas, tanto no espaço, quanto na Terra.

Pergunta — Se nenhum contratempo sobrevier, a obra poderá aparecer em dezembro. Prevê obstáculos?

Resposta — Não prevejo dificuldades intransponíveis. A tua saúde seria a principal; por isso é que te aconselhamos incessantemente que não te descuides dela. Quanto a obstáculos exteriores, nenhum pressinto de natureza séria.

Dr. D.

22 de fevereiro de 1868

(Comunicação particular; médium: Sr. D.)

A GÊNESE

Em seguida a uma comunicação em que o Dr. Demeure me deu conselhos muito sábios sobre modificações a serem feitas no livro A Gênese, para a sua reedição, da qual ele me concitava a cuidar sem demora, eu lhe disse:

A venda, até aqui tão rápida, sem dúvida esfriará; foi um efeito do primeiro momento. Creio bem que a quarta e a quinta edições custarão mais a esgotar-se. Todavia, como é preciso certo tempo para a revisão e a reimpressão, cumpre que eu não esteja desprevenido. Poderias dizer-me de quanto tempo, mais ou menos, disponho para tratar disso.

Resposta — É um trabalho sério essa revisão e eu te aconselho que não tardes muito a começá-lo. Será melhor que o tenhas pronto antecipadamente, do que ficarem à tua espera. Contudo, não te apresses demais. Sem embargo da aparente contradição das minhas palavras, tu decerto me compreendes. Põe-te desde já a trabalhar, porém não lhe consagres excessivo tempo. Faze-o com o devido vagar; as idéias se te apresentarão mais claras e o teu corpo lucrará, fatigando-se menos.

Deves, entretanto, contar com um esgotamento rápido dos volumes. Quando nós te dizíamos que esse livro seria um grande êxito entre os que tens tido, referíamos-nos simultaneamente a êxito filosófico e material. Como vês, eram justas as nossas previsões. Importa estejas pronto para qualquer momento; as coisas se passarão com maior rapidez do que supões.

NOTA — Numa comunicação de 18 de dezembro, fora dito: Será, certamente, um grande êxito entre os teus êxitos. É notável que, com o intervalo de dois meses, outro Espírito repita exatamente as mesmas palavras, dizendo: Quando nós te dizíamos, etc. Essa palavra nós prova que os Espíritos agem de acordo e que, às vezes, um só fala por muitos.

Paris, 23 de fevereiro de 1868

(Comunicação íntima dada ao Sr. C. médium)

ACONTECIMENTOS

Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo I)

Ocupa-te desde já com o trabalho que tens esboçado sobre os meios de seres um dia útil aos teus irmãos em crença e de servires à causa da Doutrina, porque será possível que os acontecimentos que se desenrolarão não te deixem lazeres bastantes para te consagrares ao referido trabalho.

Esses próprios acontecimentos darão lugar a fases durante as quais o pensamento humano poderá produzir-se com absoluta liberdade. Nesses momentos, os cérebros em delírio, baldos de qualquer orientação são, gerarão enormidades tais, que a notícia do próximo aparecimento da besta do apocalipse a ninguém espantaria e passaria despercebida. A imprensa vomitará todas as loucuras humanas, até se esgotarem as paixões a que ela terá dado nascimento.

Semelhante época será favorável aos espíritas. Eles se arregimentarão, prepararão seus materiais e suas armas. Ninguém pensará em molestá-los, por isso que eles a ninguém causarão embaraço. Serão os únicos discípulos do Espírito, os outros serão discípulos da matéria.

Paris, 4 de julho de 1868

(Médium: Sr. D.)

195. Que foi dito a Kardec pelos Espíritos acerca de seu livro A Gênese?

Um interessante conselho foi dado a Kardec numa comunicação transmitida em Ségur em 9 de setembro de 1867, pouco antes de ser publicada A Gênese, a última obra que Kardec publicou em vida. Sobre essa obra foi dito que era urgente pô-la em execução e apressar, o mais possível, sua publicação.

Era necessário – diz a mensagem – que a primeira impressão fosse produzida sobre os Espíritos quando o conflito europeu estourasse; se ela tardasse, os acontecimentos brutais poderiam desviar a atenção das obras puramente filosóficas; e como esta obra está chamada a desempenhar o seu papel na elaboração que se prepara, era preciso apresentá-la em tempo oportuno.

Quanto à sua amplitude, devia ser-lhe dado o que fosse desejável, sem restrição alguma. (Obras Póstumas – Segunda Parte – Publicações espíritas.)

196. Logo que saiu o livro A Gênese, sentiu-se necessidade de fazer nele uma revisão. Ela foi feita?

Sim. Em 22 de fevereiro de 1868, menos de um mês após o lançamento, o Dr. Demeure transmitiu a Kardec conselhos sobre as modificações a serem feitas.

Sabendo que isso era necessário, Kardec perguntou ao amigo se ele disporia de tempo para efetuar a revisão.

O Espírito disse que ele não deveria esperar muito tempo para empreendê-la, mas sem nenhuma pressa, para que as ideias pudessem fluir com maior limpidez.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Publicações espíritas.)

XXIV – MEUS TRABALHOS PESSOAIS. DIVERSOS CONSELHOS

Vão em bom andamento os teus trabalhos particulares; prossegue na reimpressão da tua última obra; faz a tua tábua geral para o fim do ano; é coisa de utilidade e, quanto ao mais, descansa em nós.

Está apenas em começo a impulsão que A Gênese produziu e muitos elementos, abalados por ela, se colocarão, dentro em pouco, sob a tua bandeira. Outras obras sérias também aparecerão, para acabar de esclarecer o juízo humano sobre a nova doutrina.

Aprovo igualmente a publicação das cartas de Lavater. É uma coisa pequenina, mas destinada a produzir grandes efeitos. Em suma, o ano será fecundo para todos os amigos do progresso racional e liberal.

Também estou de inteiro acordo em que publiques o resumo que pretendes fazer sob a forma de catecismo ou manual, mas acho que o deves esmiuçar cuidadosamente. Quando estiveres para dá-lo à publicidade, não esqueças de me consultar sobre o título; terei talvez uma boa indicação a te oferecer e cujos termos dependerão dos acontecimentos já verificados.

Ao te aconselharmos ultimamente que não levasses muito tempo para remodelar A Gênese, dissemos que terias de fazer-lhe acréscimos em diversos pontos, a fim de preencheres algumas lacunas e de condensares, aqui e ali, a matéria, a fim de não tornares mais extenso o volume.

Não foram perdidas as nossas observações e muito nos alegrará o colaborarmos na remodelação dessa obra, como nos alegrou o termos contribuído para a sua execução.

Recomendo-te hoje que revejas com atenção sobretudo os primeiros capítulos, cujas idéias são todas excelentes, que nada contêm que não seja verdadeiro, mas algumas de cujas expressões poderiam prestar-se a interpretações errôneas. Salvo essas retificações, que te aconselho a não deixares de lado, porque os antagonistas se lançam às palavras, quando não podem atacar as idéias, nada mais preciso indicar-te sobre o assunto. Aconselho, entretanto, que não percas tempo; é preferível que os volumes esperem pelo público, do que este por eles. Nada deprecia mais uma obra do que a interrupção da sua venda. Impacientado por não poder satisfazer aos pedidos que recebe, o editor, a quem assim escapam ocasiões de vender o livro, se desinteressa das obras do autor imprevidente. O público se cansa de esperar e a má impressão que daí resulta custa a apagar-se.

Por outro lado, não é mau que gozes de uma certa liberdade de espírito para acudir às eventualidades que possam surgir ao teu derredor e para dispensares teus cuidados a estudos particulares que, segundo os acontecimentos, podem ser suscitados atualmente ou relegados para tempos mais propícios.

Tem-te, pois, pronto para tudo; desembaraça-te de todos os óbices, quer para te consagrares a um trabalho especial, se a tranquilidade geral o permite, quer para estares preparado a qualquer acontecimento, se complicações imprevistas vierem tornar necessária, de tua parte, uma determinação súbita. O ano próximo começará em breve; é preciso, pois, que, pelos fins deste, dêes a última demão à primeira parte da obra espírita, a fim de teres livre o campo para a conclusão da tarefa que concerne ao futuro.

197. Sobre o livro A Gênese foram recebidas por Kardec outras mensagens?

Sim. No dia 4 de julho de 1868, em Paris, um amigo espiritual lhe disse que seus trabalhos pessoais estavam num bom caminho e sugeriu a reimpressão da obra citada.

O impulso produzido pelo livro não estava senão em seu início, e muitos dos elementos abalados pelo seu aparecimento se alinhariam logo sob a bandeira do Espiritismo.

Ele revelou também que outras obras sérias apareceriam ainda para acabar de esclarecer o pensamento humano sobre a nova doutrina.

No caso da revisão do livro A Gênese, disse o Espírito: “Quando vos aconselhamos recentemente para não esperar muito tempo, para vos ocupar do remanejamento da Gênese, dizíamos que haveria a acrescentar em diferentes lugares, a preencher algumas lacunas, e condensar alhures a matéria, a fim de não dar maior extensão ao volume.

As nossas observações não foram perdidas e estaremos felizes em colaborar no remanejamento dessa obra, como por ter contribuído para a sua execução.

Eu vos convidaria hoje a revisar com cuidado sobretudo os primeiros capítulos, dos quais todas as ideias são excelentes, que não contêm nada que não seja verdadeiro, mas dos quais certas expressões poderiam se prestar a uma interpretação errônea.

Salvo essas retificações, que vos aconselho a não negligenciar, não tenho nada mais a vos indicar a esse respeito”.

No final da mensagem, o amigo lhe fez um apelo importante e provavelmente profético: “Preparai-vos, pois, pronto para tudo; sede livre de todo entrave, seja para vos entregar a um trabalho especial, se a tranquilidade geral o permitir, seja para estar preparado para todo acontecimento, se complicações imprevistas vierem a necessitar, de vossa parte, uma determinação súbita.